



WAA M185q 1890

63160500R



NLM 05147427 9

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

hesda, Md.

U.S. Departm

hesda, Md.

U.S. Department of

Bethesda, Md.

U.S. Department of

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

U.S. Department of

Bethesda, Md.

U.S. Department of

Bethesda, Md.

U.S. Department of

Bethesda, Md.

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

Health, Education,

Health Service

Health, Education,

Health Service

Health, Education,

Health Service

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

and Welfare, Public

and Welfare, Public

and Welfare, Public

and Welfare, Public

and Welfare, Public

and Welfare, Public

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

Health Service

Health, Education,

Health Service

Health, Education,

Health Service

Health, Education,

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

Bethesda, Md.

U.S. Department of

Bethesda, Md.

U.S. Department of

Bethesda, Md.

U.S. Department of

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

U.S. Department of

Bethesda, Md.

U.S. Department of

Bethesda, Md.

U.S. Department of

Bethesda, Md.

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE

Health, Education,

Health Service

Health, Education,

Health Service

Health, Education,

Health Service



137
QUESTÕES

DE

HYGIENE

ARTIGOS PUBLICADOS NO «JORNAL DO COMMERCIO»

PELO

Dr. José Lourenço de Magalhães



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1890

2427-00



WAA

M185g

1890

Film 7458, Item 2

Reunindo neste opusculo os meus artigos sobre hygiene publica, gentilmente acceitos e publicados pelo *Jornal do Commercio*, tenho em mira ampliar a circulação das minhas idéas sobre as condições sanitarias da Capital Federal para agitar em seu beneficio esta questão de suprema utilidade publica.

Não consta que haja logar tão batido por epidemias successivas como aqui, e onde, a julgar pelo resultado obtido, menos tenham aproveitado as medidas hygienicas para prevenil-as ou attenual-as.

Cada reforma decretada no serviço hygienico faz renascer esperanças; sobrevindo qualquer epidemia, dissipa-se logo a illusão.

O impaludismo, que em toda a parte recua ante o progresso da edificação e da agricultura, não só persiste aqui, como adquire expressão singularissima.

Examinando-se o obituario, verifica-se que neste inverno — estação considerada de treguas para as molestias zymoticas — raro é o dia em que não figuram casos de febre amarella e tambem de intoxicação palustre sob a denominação de accesso pernicioso e febre perniciosa.

Reconhecida, como se acha, a inefficacia das medidas parciaes ou de occasião até aqui unicamente realizadas, impõe-se a necessidade de um plano geral de sanificação, harmonico, maduramente delineado e lealmente executado, não de uma vez e tumultuariamente, mas a trechos, com a possivel simultaneidade e as devidas preferencias.

IV

Nas circumstancias actuaes deve-se considerar o saneamento desta cidade assumpto de interesse nacional. Não importaria sómente o bem-estar de uma parte da população do paiz, mas a eliminação de um poderoso obstaculo á expansão natural e ás aspirações de um povo apto para engrandecer e que carece progredir.

As epidemias são como a guerra : atrasam pelos males duradouros que determinam.

Si, apesar da lucta incessante com os elementos, temos sempre progredido, o que seria si nos fossem favoráveis?

Ultimamente, na Sociedade Central de Immigração, o Sr. Nicosia, discorrendo sobre assumptos de utilidade publica, referiu-se à *necessidade da transformação do Brazil no seu proprio coração — a cidade do Rio de Janeiro*.

Outro não será o sentimento do estrangeiro dedicado á nossa patria, e outro não deve ser o nosso empenho.

O saneamento desta cidade impõe-se como questão excepcional e da maior urgencia : para resolver-a cumpre a todos desenvolver a energia correspondente ao patriotismo e á responsabilidade de cada um.

* * *

Durante a publicação destes artigos foram indeferidas as propostas sanitarias do Dr. Americo de Castro e dos Drs. Hilario de Gouvêa e Lima e Castro.

Em rigor de hygiene a primeira deixava muito a desejar : a par de medidas aproveitáveis, consignava outras completamente estranhas sobrecarregando inutilmente o orçamento e excluía algumas imprescindíveis, como

mostrou em acto official o digno inspector de hygiene publica.

A drenagem do solo e o calçamento estanque — objecto da segunda proposta — são medidas que hão de impreterivelmente figurar em um plano completo de saneamento.

O solo, saturado, como está, de materia organica e humidade, é poderoso factor de insalubridade, e o calçamento actual não pôde ser mais favoravel às elaborações infectuosas.

A rejeição da idéa de purificar o solo é simplesmente um adiamento.

A realização virá por força.

Relativamente á drenagem, convem fixar o meio de effectual-a de accordo com as condições topographicas da cidade, considerando que, depois de tanto tempo perdido, é indispensavel não arriscar sacrificios sem a maior probabilidade de exito, e ganhar em segurança o que malbaratou-se por imprevidencia.

Em hygiene meias medidas nada valem : não ter, ou ter insufficientemente é a mesma cousa.

Outra questão provoca serio estudo : dever-se-ha fazer a drenagem do solo permanecendo os actuaes esgotos ?

Ignoro a opinião do inspector de hygiene a semelhante respeito. O acolhimento que prestou á proposta do conselheiro Ferreira Vianna, quando ministro, faz suppor que considerava a drenagem como a primeira medida sanitaria, mórmente tratando-se de extinguir a febre amarella ; mas, a julgar pelo modo de exprimir-se um anno antes, em 1888, na these com que concorreu á cadeira que tão dignamente professa, é licito inferir que

VI

o seu ponto de partida para o saneamento effectivo desta cidade é a reforma dos esgotos.

Sinão vejamos.

Citando a opinião de Pettenkoffer considera o *saneamento do solo um recurso prophylactico superior a qualquer outro para obstar a disseminação das molestias epidemicas*; acceita, entretanto, o Dr. Rocha Faria a propagação *por contagio* demonstrada em relação ao cholera e à febre typhoide e por elle amplificada à febre amarella, fundando-se para isso no « muito menor contingente de morbilidade pelo typho americano em maritimos, depois que o conselheiro Nunõ de Andrade prohibiu, em certas epochas, a aproximação dos navios para evitar a maculação e o revolvimento do fundo lodoso da bahia »; apresentando, para melhor definir o seu pensamento, o facto de « aggravarem-se as epidemias pela deficiencia de recursos de hygiene publica e privada e pela pollucção do solo urbano na superficie e na profundidade. »

Assim, o autor da these *Do Mephitismo tellurico*, acceitando opinião de hygienistas e bacteriologistas notaveis, pensa tambem que « na applicação generalisadora a doutrina de Pettenkoffer não tem correspondido à evolução dos factos »; e que concluir que « sem o solo influenciado pela humidade não pôde haver explosão e diffusão epidemica *é destruir a biologia dos germens especificos* : *é baralhar e confundir a noção de contagio e da infecção* ; *é postergar todas as questões de hygiene internacional e administrativa para só cuidar de drenar o solo* ; *é crear uma generalisação prematura, infundada, anarchica, que a hygiene moderna repelle e estygmatisa* ».

Quanto á reproducção do germen independentemente da influencia do solo e apenas auxiliada pela provisão de materia organica encontrada na superficie, cumpre invocar, em ordem a justificar-a, a importação do germen de febre amarella e subsequente diffusão epidemica nos logares onde as condições meteorologicas favorecem-na.

Aqui mesmo, como é sabido, basta a remoção de um doente desta enfermidade para qualquer ponto dos subúrbios para alastrar alli a epidemia.

Não é só isso : durante o verão antepassado, quando o lençol tellurico deveria ter baixado consideravelmente em virtude da secca^o excepcional de então, deixou de verificar-se a lei das *oscillações alternantes*, porque não foi a epidemia da febre amarella que encontrou reforço para desenvolver-se.

Releva accrescentar que nesta cidade a febre amarella ganha intensidade nas ruas proximas do mar, justamente onde menos deverá descer no verão o lençol d'agua subterraneo.

Além disso, concedido que por embebição os germens desta enfermidade sejam arrastados ás camadas do subsolo, não está demonstrado, independentemente do poder reductivo da terra, que esses germens possam voltar á superficie.

Estudando a questão do transporte das bacterias por uma corrente de liquido devida á capillaridade, Flügge nega-o, accrescentando que são pobres de germens as camadas profundas do solo ; e Arnould declara que a ascensão desses germens não se verifica por meio de gases telluricos ou da evaporação da agua ; factos estes que, pondera o autor citado, embaraçam a theoria de Pettenkoffer.

Dito isto, escusado é recorrer a outras provas, para convencer que não se deve fundar na drenagem a esperança de extinguir a febre amarella, e que, apesar da utilidade deste processo como meio geral de saneamento, não deve constituir medida de excepção, urgente, imprescindível.



Vem a proposito mencionar o juizo, que ha dous annos fazia dos esgotos desta cidade o illustre inspector de hygiene no melhor documento do seu merito — a sua these de concurso.

Tratando dos defeitos geraes de construcção, diz: « Nas cidades dotadas de esgoto subterraneo, como a nossa, a estagnação fecal no interior dos canaes, a porosidade dos materiaes de construcção empregados nas galerias, a ausencia de impermeabilidade nas paredes, as soluções de continuidade e a má qualidade das juntas, permittem a pollucção do solo pelos solidos, liquidos ou gases. »

Referindo-se aos esgotos desta capital, considera-os *cheios de vícios e impróprios ás condições topographicas do Rio de Janeiro*: e á pag. 116, alludindo aos de Pariz accrescenta « que os vícios devem mais avultar nas cidades de canalisação inferior, como se observa em muitas, entre as quaes figura a nossa, onde as galerias acham-se revestidas interiormente de depositos durissimos com muitos centimetros de espessura, obstruidos, sem agua, fendidos em alguns pontos, offerecendo finalmente as consequencias de uma rasta clouca em fermentação putrida, que infecta o solo no mais alto gráo e corrompe as atmospheras, urbana e domi-

ciliarias, pelas exhalações nas aberturas das ruas e nas latrinas das casas.»

Para melhor firmar a sua opinião quanto ao serviço dos esgotos, observa: « *Do exposto é facil presumir dos effeitos exercidos do nosso actual systema de esgotos na contaminação do subsolo e dos esforços de saneamento que ha mister applicar-lhe em satisfação á hygiene desta capital.* »

Discorrendo sobre as emanções compostas de gases tóxicos e de germens infectuosos no interior dos aposentos, diz: « *Entre nós, graças ás pessimas condições do systema actual dos esgotos, o facto é flagrante, durante a noite, em quasi todas as casas mal ventiladas da zona commercial.* »

Finalmente, a proposito da diffusão intra-domiciliaria dos gases e germens morbidos assim se exprime:

« *Evidencia-se mais uma vez o máo funcionamento do nosso systema de esgotos, cujos syphões, na grande maioria, mostram-se seccos, fetidos e infectos; e mesmo quando providos d'agua, nas melhores installações, não são convenientemente ventilados», etc.*

Em vista do exposto e das considerações feitas nos meus artigos, pergunto: comprehende-se em hygiene foco mais temivel de infecção do que os esgotos desta capital?

E' possivel saneal-a antes de reformar este serviço?

Seria improprio deste escripto accumular o que se tem autorizadamente dito a proposito da influencia perniciososa dos esgotos sobre a salubridade: limito-me a reproduzir alguns conceitos perfeitamente applicaveis ás nossas condições hygienicas, extrahidos de dous autores de nomeada.

No opusculo intitulado—*Desinsecção e prophylaxia individual*—(traducção do Dr. Lacerda), o Dr. Sternberg, referindo-se às emanções infectas e outros productos ainda pouco conhecidos da decomposição organica, pondera que « não constituem materia infecta *directa, mas indirectamente*, contribuindo para a propagação das molestias epidemicas, como o cholera e a febre amarella, porque os individuos expostos às emanções dos esgotos, cloacas e outros receptaculos de immundicias tem a resistencia vital deprimida por effeito da prolongada exposição a gazes toxicos, vindo assim a ser victimados por alguma affecção infectuosa para a qual se acham predispostos ».

Em seu precioso livro sobre hygiene observa o professor Arnould que os residuos organicos « não determinam por si a febre, o cholera, o typho, mas preparam maravilhosamente o organismo para sêde dessas enfermidades, determinando uma *pars minoris resistentiæ* ».

O mesmo autor occupa-se tambem da influencia dessas materias sobre « *as misérias physiologicas de que dependem as affecções pulmonares ordinarias, a escrophulose, a decadencia organica das familias e o flagello, ainda mais temivel do que o cholera,—a phthisica pulmonar* ».

Conhecidas estas e mais opiniões de abalisados hygienistas, unanimes em denunciar os maos esgotos como um dos maiores perigos para os centros de população : testemunhadas as lutuosas scenas que aqui se patenteam, principalmente no verão ; verificada a decadencia organica dos habitantes do Rio de Janeiro, a frequencia da tuberculose pulmonar constituindo uma epidemia permanente ; e reconhecida a insidiosa e solita gravidade do impaludismo,

será possível assistir com indiferença ou tranquillidade aos preparativos para o saneamento da Capital Federal, sem a correcção do actual systema de esgotos ?

Seria crime de *lesa-humanidade*.

Rio, 6 de agosto de 1890.

QUESTÕES DE HYGIENE

I

Creio poder affirmar sem prejuizo da verdade que, apesar do reconhecido merito e notoria dedicacão dos profissionaes até aqui incumbidos de prover a hygiene publica, o resultado obtido não corresponde ao esforço realizado mesmo com sacrificio.

Seria, com effeito, injustiça desconhecer os serviços prestados à salubridade publica por Paula Candido, Lavradio, Ibituruna, Souza Costa, Freire e Rocha Faria ; mas cumpre confessar que, seguramente por circumstancias superiores à sua vontade e à rigorosa comprehensão da propria responsabilidade, nenhum logrou ainda collocar a questão hygienica de modo a obrigar os poderes publicos a encaral-a de frente, medindo-lhe o alcance e a magnitude.

Os governos faziam o que entendiam e queriam, sem saber o que faziam.

Neste *semi-deserto* de convicções e energias as autoridades sanitarias bradavam quasi inutilmente.

Enquanto todos exigiam e muitos contrariavam, poucos as comprehendiam e auxiliavam no desempenho da sua tarefa providencial.

Cousa singular, nenhum serviço excede em utilidade o da hygiene — sem exaggeração a salvaguarda dos maiores interesses sociaes e industriaes ; no emtanto nota-se entre nós accentuada tendencia para embarçal-o e tornal-o odioso, certo prazer em neutralizar-lhe as exigencias e illudir a imprescindivel vigilancia!

Pois bem : si ha quem deva corar com as accusações que soffremos, além de outras, de paiz insalubre, firmadas em successivas explosões epidemicas, não serão de certo os que no mais afflictivo posto da publica administração tiveram de arcar com a

ignorancia, a indifferença, a conspiração dos interesses, a má fé e a desidia.

Qual o resultado ?

E' notoria a insufficiencia dos meios disponiveis para attenuar as consequencias dos rigores meteorologicos, a ponto de aproveitar-nos melhor um verão propicio como o deste anno, cuja temperatura poucas vezes excedeu de 30°, do que as providencias até aqui realizadas.

Succeda ao ultimo verão outro em condições menos favoraveis, e certamente não se demorarão as *epidemias* estivaes que periodicamente nos perseguem.

E tal é a verdade desta situação, que principalmente os dous ultimos inspectores de hygiene publica, o Barão de Ibituruna e o Dr. Rocha Faria, perdida a esperanza de conseguirem medidas radicaes, limitaram-se aos meios de aparar os golpes dessas epidemias, attenuando-lhes os estragos.

Achamo-nos, é certo, de posição tomada para responder ao primeiro assalto epidemico, porém desarmados para resolver as mais graves questões hygienicas de longa data e constantemente em agitação, das quaes depende o real saneamento desta capital.

Estamos na defensiva, devendo a nossa attitude ser a offensiva tenaz e sem treguas.

*
* *

Ao hygienista ou ao medico que, examinando esta cidade no principio do seculo, encontrasse-a « por todos os lados cercada de logares pantanosos, occupando as aguas estagnadas o principal logar entre as causas de insalubridade »¹; e, communicando com os habitantes, notasse que, « no fim de tantas gerações ainda a natureza não havia concedido aos filhos do Rio de Janeiro uma constituição apta a viver sem grandes incommodos de saude, no meio de uma atmosphera em que nasceram os seus avós »; a esse hygienista ou medico não deixaria de impor-se o

1 *Reflexões para melhorar o clima do Rio de Janeiro*, pelo Dr. Manoel Vieira da Silva. 1808.

deseccamento dos pantanos como a primeira necessidade, ante a qual o arrazamento do morro do Castello figuraria em segundo plano, como aconteceu ao Dr. Manoel Vieira da Silva.

A esta seguia-se no seu pensar a de « determinar o logar para as habitações, marcar-lhes a altura das portas, aterrar as ruas novas, demarcando a direcção e a largura; prohibir os enterros nas igrejas, estabelecer cemiterios nos extremos da cidade; impedir a importação dos germens de molestias epidemicas por meio dos lazaretos proporcionados ás differentes repartições; remover o matadouro, inspecionar os alimentos, assegurar a boa qualidade da carne verde » além de outras providencias de real utilidade, embora menos importantes.

Naquelle occasião outros conselhos não podiam vir de quem criteriosamente cuidasse de melhorar as condições dos habitantes desta cidade. affectados, como se achavam, de cachexia palustre.

No relatorio do ministerio do imperio de 1834 pedia o ministro conselheiro Chichorro da Gama aos representantes da nação recursos em beneficio do saneamento da cidade, allegando « não ser possivel ver com indifferença o ferro da morte segurar centenas de vidas, esperanças de nossa prosperidade e apoio de numerosas familias, que ficavam entregues á orphandade e á miseria. O bem estar da humanidade, accrescentava elle, e o interesse do paiz altamente o reclamavam ».

No anno seguinte e em peça de igual natureza o ministro José Carlos Pereira de Almeida Torres communicava « que esta capital continuava a ser accommettida de mortíferas febres. »

« A conservação da saude publica, dizia no relatorio de 1838 Bernardo Pereira de Vasconcellos, não pôde deixar de merecer os primeiros cuidados de um governo que aspira a reputação de benefico e patriotico. »

Desse pensar foram os ministros subseqüentes, *todos patrióticos*, descrevendo opportunamente e com rigorosa exactidão as condições da salubridade publica: entretanto o saneamento da capital continuou no mesmo estado apezar dos successivos creditos de milhares de contos de réis!

Inquestionavelmente o deseccamento dos pantanos realizou-se em grande parte, não em virtude de plano proposital, mas pela

fatalidade do augmento da população e da necessidade correlata de preparar terreno para edificação.

Ainda assim, como tem sido geralmente aterrados os pantanos? Do modo o mais imperfecto e offensivo da hygiene, contra o qual tanto reclamou o Barão de Lavradio.

O anno passado atravessavamos, um delegado da inspectoría de hygiene e eu, um dos bairros desta cidade, quando o meu companheiro, apontando para certo terreno baldio, disse-me : « *aquelle está sendo aterrado com lixo, cachorros e gatos mortos.* »

*
* *
*

Succediam-se as epidemias.

Em 20 annos, de 1830 a 1850, o Barão de Lavradio, no seu *Esboço Historico*, enumera 23, « numero, sem duvida, abaixo do real », segundo diz.

De 1851 a 1870, conforme refere o mesmo autor, soffreu esta capital 40 epidemias, de duas a cinco por anno, e a população gemia conformada : *morituri te saluant.*

De 1871 a 1890, quantas epidemias?

Não sei dizer ao certo ; falta-me tempo para veritica-lo ; foram, com certeza, muitas e mortíferas, principalmente a da febre amarella, que implantou-se aqui, firmando domicilio e imprimindo ao Brazil o ferrete de — paiz inhospito.

Que somma incalculavel de sacrificios !

Que tributo de vidas, de nacionaes e estrangeiros, pago á contemporisação e á imprevidencia !

Reatemos o assumpto.

O Visconde de Mont'Alegre, pedindo ás camaras (o relatorio traz a data de 1850, mas com certeza foi elaborado em 1849) autorização para promulgar regulamentos sanitarios e crear a policia sanitaria, assim dizia : « Não é só para impedir o contagio das bexigas, ellas (as providencias) o são igualmente para evitar a introdução de outras molestias epidemicas... ; para emfim arredar de nós tantos outros focos de enfermidades, que se alimentam á sombra da desatenção (o grypho é meu) com que é tratada a saude publica, ceifando todos os annos milhares de vidas que podem e devem ser poupadas. »

Foi presentimento: no fim de 1849 estalava aqui a epidemia da febre amarella, encontrando tudo desprevenido e levando a confusão e a mortandade a todos os cantos da cidade.

Sob a pressão da epidemia foi creada a junta de hygiene publica, expellio o regulamento de 29 de setembro de 1851 e estabelecido o hospital da Jurujuba.

O Dr. Paula Candido, presidente da junta de hygiene, logo no primeiro relatorio propoz contra as molestias *epidemicas e endemicas* as seguintes medidas hygienicas: lazaretos — esgotos — despejos—remoção dos cadaveres de animaes—limpeza das praias e dos cães; irrigação das ruas — abastecimento de agua — arborisação da cidade.

No relatorio immediato sustentava a necessidade das mesmas providencias hygienicas, desenvolvendo-as com grande criterio e proficiencia.

No de 1854 ainda mais encareceu a imprescindivel necessidade de attender ao estado da salubridade publica: « Não ha, pois, não deve haver, disse elle, consideração alguma que faça recuar ante a imperiosa necessidade de medidas permanentes de salubridade que o paiz reclama. »

Nos subseqüentes relatorios o zeloso funcionario insiste desenvolvidamente na sua opinião sobre as causas da insalubridade, evidenciando a necessidade de removel-as.

São notaveis as reflexões por elle feitas sobre o *excitador epidemico* ou *principio material* que *produz a febre amarella, o cholera, a peste, o typho etc.*, *principio que é levado de um a outro logar nas cousas e nas pessoas*. « Uma de duas, diz elle: ou o excitador epidemico é representado por decomposições organicas e é pois um *fermento* (o grypho é seu); ou por *animaes* ou *vegetaes* de ordem inferior. »

Havendo naquella epoca recommçado na Allemanha os estudos sobre o *parasytismo* nas molestias epidemicas, reduzidos mais tarde a corpo de doutrina pelas investigações de Pasteur, o Dr. Paula Candido apossou-se immediatamente dos fundamentos da nova etiologia, applicando á febre amarella o « *excitador que viaja com as pessoas e as cousas, representado por um fermento, por animaes ou vegetaes de ordem inferior* ».

A' memoria de tão preclaro facultativo deixo aqui consignada sincera homenagem.

Sob o titulo *Apontamentos sobre os trabalhos de salubridade e utilidade publica* publicou em 1858 o Dr. Manoel da Cunha Galvão um opusculo, tratando com muita lucidez de varios assumptos de hygiene e reclamando para o saneamento desta cidade — *abundancia de agua, esgotos, limpeza, calçamento, banhos e lavadouros publicos, ventilação, arrasamento dos morros do Castello e de Santo Antonio, habitações para os operarios, arruamento geral da cidade, caes geral, mercados, latrinas e mijadouros publicos.*

Como se vê, é a synthese dos melhoramentos exigidos por imperiosa necessidade e sempre procrastinados.

Referindo-se ao morro do Castello, disse o autor que « si tão importante obra já não se acha em conclusão ou andamento, tem si lo as causas, entre outras, a mesquinhez dos governos coloniaes, a vacillação proveniente das commoções politicas, e a falta de espirito de associação ».

Em preciosos trabalhos o Barão de Lavradio, além de occupar-se de varios assumptos parciaes de hygiene, deixou formulado o plano de melhoramentos a seu ver adequados ao saneamento desta cidade.

Os seus relatorios honram-no sobremaneira, afirmando simultaneamente os grandes recursos da sua intelligencia, illustração e zelo pela causa publica.

Em 1874 o ministro do imperio nomeou uma commissão, composta dos Barões de Lavradio e Torres Homem e do Dr. Souza Costa para propor as medidas necessarias ao melhoramento das condições hygienicas desta capital.

Apresentado o parecer no anno seguinte, outra commissão foi nomeada para rever as medidas sanitarias aconselhadas pelo precedente.

Em satisfação da incumbencia outro relatorio foi apresentado em 1876.

Além disso creou-se a commissão « de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro », composta de distinctos engenheiros, que no mesmo anno apresentaram dous importantes relatorios.

Sobre os trabalhos da comissão de engenheiros publicou o Dr. L. R. Vieira Souto no *Jornal do Commercio* uma serie de interessantissimos artigos, que mais tarde reuniu em opusculo.

Como si isso não bastasse, *dous annos* depois outra comissão de medicos foi encarregada de fazer o que estava *feito e refeito* — organizar e apresentar um plano de melhoramentos, etc., etc.

Em 1884 o Dr. Paula Freitas apresentou ao conselheiro Maciel uma memoria sobre o saneamento da capital, e o Dr. Freire, baseando-se nos efficazes melhoramentos realizados em New-Orleans, propunha-os para esta cidade, em alguns pontos em paridade de circumstancias.

Afinal e rapidamente chego aos dous planos de saneamento mais completos : do Barão de Ibituruna em 1886 e o do Dr. Rocha Faria apresentado o anno passado ao Congresso Medico-Cirurgico, reunido em 2ª sessão, e por este approvado.

Não permittindo a indole deste trabalho examinar detidamente os dous projectos, limitar-me-hei a ponderar que, salvo os additamentos feitos pela força das circumstancias e que progressivamente complicam o problema da hygiene entre nós, nos mesmos projectos, como em todos, figuraram e figurarão sabe Deus até quando as medidas ha quasi um seculo reclamadas.

Será possivel prolongar esse estado de incertezas e soffrimentos ?

Em 1886 o Barão de Mamoré, então ministro do imperio, expondo em relatorio as más condições hygienicas desta capital, e accentuando como medida politica e humanitaria a necessidade de saneal-a, estimava em 100.000:000\$ a despeza a fazer com este melhoramento ; mas, considerando as condições financeiras do paiz, contentava-se com um credito especial e uma dotação annual para aquelle serviço.

As camaras concederam 300:000\$, que foram consumidos, preterindo despezas urgentes, na commissão confiada a um engenheiro francez bem conhecido, que andou a explorar a *altura do lençol de agua subterraneo e a medir o grão da nossa longanimidade e indifferença.*

Em um discurso sobre o mesmo assumpto no Instituto Polytechnico o illustrado engenheiro Dr. Paula Freitas, apresentando o perigo da humidade do solo e propondo varias providencias, elevou tambem a 100.000:000\$ o orçamento das obras, que não poderiam terminar em menos de 20 a 30 annos.

Annunciaram com jubilo os jornaes desta capital nos primeiros dias de dezembro que o ministro do interior, Dr. Aristides Lobo encarregara o Dr. Paula Freitas de organizar o orçamento das obras do saneamento da cidade de accordo com o parecer do digno inspector de hygiene publica, adoptado, como já tive occasião de dizer, pelo congresso medico-cirurgico em sua ultima sessão.

Recordo-me mesmo de ter lido que o ministro exigira a maior brevidade nesse serviço, tal era o seu empenho de prestar a esta capital tão assignalado beneficio, que muito recommendaria á gratidão publica o incipiente governo republicano.

Depois nada mais se soube : constou-me que o Dr. Aristides Lobo declinara do seu proposito em vista da enormidade dos gastos em completa desproporção com o estado das finanças publicas.

Depois de tantos estultos, de tanta commissão, de tantos projectos, de tanto sacrificio de vidas, de tanto descredito, de tantas promessas e esperanças, o resultado é este: *não se ata nem desata.*

O problema hygienico a complicar-se cada vez mais, a despeza com as obras a subir sempre, sobrearregando infructiferamente os cofres publicos, a capital a carecer hoje do que sempre lhe faltou, além de outros melhoramentos reclamados pelo seu desenvolvimento, e o desanimo a dominar por igual a boa vontade dos ministros !

Por que ?

Por querer-se todos os melhoramentos ao mesmo tempo, o que elevaria fabulosamente a despeza : ou *tudo ou nada.*

Como sahir do embaraço ?

Dil-o-hei.

*
* *

O Dr. Rochard, eminente hygienista francez, considerando que « uma cidade moderna será ordinariamente victimada por molestias infectuosas, a despeito de quaesquer aperfeiçoamentos da arte e da sciencia, sendo desasseiados os habitantes, as casas, as áreas, e não havendo limpeza dos regos e esgotos », enuncia o seguinte conceito : « toda agglomeração humana carece em primeiro logar de boa agua e de prompta eliminação das immundicias. »

Parecendo-me indiscutivel esta opinião, que a meu ver contém força de axioma, porque effectivamente é impossivel haver hygiene sem agua e esgotos, tomal-a-hei por base das minhas reflexões, ou antes do exame das nossas actuaes circumstancias, para verificar o grão de confiança a depositar actualmente neste serviço ou o que falta fazer para evitar os poderosos elementos que podem porturbal-o.

Vejamos.

Agua—E' incontestavel que até aqui esta capital não tem tido agua sufficiente para os diversos misteres do serviço publico e individual.

Qualquer negativa neste sentido encontra desmentido no clamor geral durante a estação calmosa.

A agua não é, pois, sufficiente.

Uns attribuiam o facto à quantidade canalizada para os diversos depositos ; outros a derivações clandestinas ; e não faltou quem explicasse a deficiencia pela má distribuição do precioso liquido, rumorejando-se mesmo desaccordo e attrito entre os funcionarios encarregados do respectivo serviço.

O rigoroso verão do anno passado provocou clamor nunca visto até então. O governo expedia a trechos umas ordens anonymas ao inspector de obras publicas recommendando attenção e providencias ás reclamações geraes.

Simultaneamente com a falta de agua lavrava desapiedadamente a febre amarella, e por cumulo de infelicidade vieram as mortes repentinas e os accessos perniciosos completar o lutuoso quadro.

Peste ! temos a peste !

Tal foi o grito angustioso que chegou a escapar, tão parecido era o nosso desespero com o das populações do Oriente outr'ora devastadas por essa molestia sinistra e implacavel.

Os jornaes franqueiaram as columnas a reiteradas reclamações contra a falta de agua. O que pensava e fazia a engenharia official não sei dizel-o ; parecia calma, prudente, e, si não satisfeita de si mesma, pelo menos conformada.

Nesta conjunctura um engenheiro brasileiro lançou às altas regiões officiaes o seguinte repto : « *tantos milhões de litros de agua em oito dias.* »

Quem assim se abalançava podia ser um louco ; sim, um louco, — mas dessa loucura physiologica denominada — grandeza das acções.

A intenção não será facil de atinar, mas o certo é que o ministro da agricultura mandou immediatamente celebrar o contracto com o engenheiro.

O que então occorreu está na lembrança de todos.

Nunca o sentimento publico pronunciou-se entre nós tão uniforme e intensamente como nessa occasião : o voto e um era o de todos.

A attenção voltou-se para a serra do Commercio, onde um homem realizava prodigios, parecendo dispor de magico poder.

Trabalhavam todos denodadamente, e os telegrammas, annunciando o proseguimento dos trabalhos, eram anciosamente recebidos.

A lucta era formidavel, mas as difficuldades abatiam progressivamente até que chegou o oitavo dia.

O que succedeu então ?

A' hora determinada o Dr. Frontin fez jorrar no *Barrilão* o tantos milhões de litros de agua verificados officialmente.

Não foi só a victoria de um homem, fortalecido por energicos auxiliares; foi tambem o triumpho de uma população inteira, porque desde esse dia ficou, pôde-se affirmar, resolvido o mais importante problema do saneamento desta capital.

O que seguiu-se não vale a pena recordar: a canalisação provisoria das aguas — ainda litigiosas — do rio S. Pedro fo triste arremedo ou acto de contricção, mas nunca o desempenho de um plano previamente elaborado em soccorro de uma população ha tanto tempo opprimida pela sede.

Neste interim assumiu a gestão da pasta da agricultura o conselheiro Lourenço de Albuquerque.

Comprehendendo a situação, fez do abastecimento de agua a esta capital um dos principaes assumptos de suas cogitações, tomando a peito realizal-o com a maior brevidade.

Para isso apressou e resolveu a desapropriação das aguas da serra do Commercio, ordenando se fizesse definitiva a canalisação provisoria e do mesmo modo procedeu em relação ás aguas do rio S. Pedro. Nomeou uma commissão para examinar o rio Sant'Anna, medir o volume das aguas e orçar as despesas com a canalisação. Autorizou o Dr. Frontin a fazer estudos para a canalisação das aguas do Xerém e Mantiqueira e a encomendar desde logo o material necessario.

Para facilitar o transporte do mesmo material (tal era o proposito de aproveitar tempo) mandou lançar uma ponte sobre o rio Iguassú.

Mais alguns mezes e teriamos reforçado definitivamente o abastecimento com as aguas da serra do Commercio, dos rio S. Pedro, Xerém e Mantiqueira, ficando á mão e de estudo feitos as do rio Sant'Anna.

Para regularisar a distribuição, como se fazia mister, nomeou o preclaro estadista uma commissão, que occupou-se immediatamente do assumpto, propondo a ligação do reservatorio do Pedregulho ao do morro da Viuva.

Com igual promptidão ordenou a execução do encanamento indicado, o qual havia chegado ao largo do Cattete, quando o conselheiro Lourenço de Albuquerque teve de deixar o poder : na pendula dos nossos destinos soava a ultima hora da monarchia.

*
* *

Iniciado o novo regimen politico e á parte as primeiras hesitações inevitaveis em uma transformação tão brusca e radical, não pararam os trabalhos com o abastecimento de agua a esta capital.

Continuava o assentamento dos tubos, mas, accentuada a estação calmosa, foi interrompido em observancia da disposição municipal contraria ao revolvimento de terras nessa quadra annual.

Que continúa o trabalho da canalisação infere-se da noticia do *Jornal do Commercio* de 18 de março, relativamente á proxima visita do Sr. ministro da agricultura ás obras do encanamento dos rios Xerém e Mantiqueira.

Está, pois, tudo disposto e em grande adiantamento para em curto prazo gozarmos o principal e imprescindivel beneficio hygienico, sem o qual mallograr-se-hão quaesquer providencias em relação ao saneamento da cidade.

Para tão importante acquisição justo é contar com o maior empenho da parte do Sr. ministro da agricultura, cujo *coração campineiro* não pôde deixar de confranger-se com as noticias desoladoras de sua terra natal, segunda vez invadida pela febre amarella, precisamente por falta dos dous requisitos indispensaveis para garantia da vida e do bem-estar: abundancia de agua e bom systema de esgotos.

Em Campinas, além de ser o sub-solo profundamente viciado por materia organica, succede que o despejo das aguas servidas e residuos de cozinha faz-se nos quintaes, a céu aberto, o que determina a aggravação das lamentaveis condições hygienicas da localidade.

Não havendo alli agua em abundancia e esgotos para tudo, Campinas continuará a ser annualmente o scenario de pungentes soffrimentos, e uma ameaça para o Estado de S. Paulo, como esta capital para o paiz inteiro.



Permitta o Sr. ministro da agricultura que, firmando-me na observação dos factos, solicite a sua attenção para certas occorrencias dadas aqui ha quatro annos.

Eu as resumirei em poucas palavras.

Constando ao ex-inspector de hygiene publica o Barão de Ibituruna que no districto servido pelas aguas dos Tres-Rios e Covanca abundavam affecções gastro-intestinaes agudas, resolveu o energico funcionario examinar em pessoa o estado daquelles mananciaes e alli encontrou horrores.

Em officio de 29 de dezembro de 1886 levou ao conhecimento do governo os gravissimos attentados contra a saude publica commettidos pelos habitantes dos terrenos marginaes, os quaes, além de conservarem á borda da agua chiqueiros para porcos, que alli mesino eram criados e lavados, lançavam nos rios os animaes mortos e toda a materia excrementicia: o cumulo da immundicia.

« Não podiamos conjecturar, dizia o inspector de hygiene publica ao governo, que a tão poucos kilometros do centro desta cidade existissem desassombradamente tantas causas de molestias e de morte para os moradores de seus bairros mais populosos. »

Escusando-se de descrever tudo quanto observou, pelo asco que lhe causava a tarefa, continuou o Barão de Ibituruna nestes termos: « Limitar-me-hei a chamar a attenção da alta administração para esse fôco medonho de molestias, que deve ser quanto antes eliminado, mesmo á custa dos maiores sacrificios do Estado.

Terminando o officio condensou na seguinte synthese o que presenciou: « As paredes internas da caixa do reservatorio, onde são recebidas as aguas dos Tres-Rios, fizeram-me lembrar do interior das galerias de esgotos de Londres. »

Que providencias pensa o Sr. ministro da agricultura haver tomado o governo ao receber a reclamação da primeira autoridade sanitaria ?

Como não será facil atinar vou dizel-o, servindo-me das notas que tomei : o governo em aviso de 4 de dezembro do mesmo anno recommendou ao inspector de hygiene publica fizesse intimar aquella gente para remover todos os elementos que concorriam para alteração das aguas.

A' reclamação de *ser quanto antes eliminado aquelle fôco medonho de molestias, mesmo á custa dos maiores sacrificios do Estado*, pareceu o governo ligar pouca importancia em vista da medida que decretou.

E' verdade que, assumindo calculada energia, recommendava na mesma peça official ao Barão de Ibituruna que recorresse á autoridade policial, caso não fosse attendida a aterradora intimação.

E' facil comprehender a comica obediencia dos intimados por ordem do governo : não é tambem difficil imaginar o estridor das gargalhadas daquella gente ao regressar da autoridade e o contingente excrementicio em seguida atirado aos rios em comemoração da *energia policial*.

Não estava no timbre do Barão de Ibituruna tolerar semelhante ludibrio, e o resultado foi o que devia ser : ficar tudo no mesmo estado, apesar das successivas reclamações da imprensa, continuando os que são obrigados a servir-se daquellas aguas a *tomal-as temperadas* de um modo tão nocivo.

E' incrivel mas desgraçadamente verdadeiro.

Não está no meu character apedrejar o sol no occaso, ou festejar auroras sorridentes : mas pelo conhecimento que tenho da nossa historia hygienica, entenebrecida por sacrificio enorme de vidas que em grande parte se poderia ter poupado, não posso conter o meu pezar ante a sorte desta capital, que seria outra e incalculavelmente mais feliz si tivessemos tido governos na altura das circumstancias, ou, como dizia Bernardo Pereira de Vasconcellos, « que aspirassem á república de beneficos e patrioticos ».

A verdade é que estamos na immediata dependencia das nuvens e dos caprichos meteorologicos.

Chovendo regularmente e sem interrupção reparavel, correm as cousas bem : deixando de chover alguns dias e prolongando-se este estado, menos que seja, sente-se logo insufficiencia de agua e começam as difficuldades do abastecimento.

Em um mesmo quarteirão succede haver pradios em que o supprimento não soffre alteração e ficarem outros completamente a secco, denotando com isso defeito na distribuição.

Nestas circumstancias os moradores desfavorecidos recorrem aos vizinhos, ou mandam buscar agua com grande trabalho, pagando-a às vezes por alto preço : nos chafarizes *faz-se caula de barris*, formam-se as tristes fileiras dos necessitados a esperarem horas inteiras que lhes chegue a vez, si antes não estancar subitamente a torneira, como não raro succede.

Outros entram pela alta noite ou gastam a madrugada aguardando o momento da distribuição, preferindo a vigilia à falta de agua no dia seguinte.

Isto importa, como é claro, penosissimo sacrificio, sendo o do tempo muitas vezes o menor.

O Barão de Ibituruna, no projecto de saneamento apresentado em 1886, justificando a indispensabilidade do abastecimento de agua para a salubridade local, disse :

« Neste ultimo verão soffremos uma verdadeira penuria de agua, que concorreu muito para o desenvolvimento da epidemia de febre amarella. Os esgotos durante muitos dias ficaram secos, etc. »

Decorridos tres annos reproduziu-se a falta de agua occasionando incalculavel damno à população e queira Deus não tenhamos ainda de lamentar scenas como as do anno passado, derivadas da mesma causa.

Além disto estamos até aqui privados dos beneficios da irrigação ; as ruas pessimamente calçadas, cheias de depressões, mal varridas e sobrecarregadas de materia organica, principalmente nas linhas de *bonds*, só recebem agua com abundancia quando chove. Até pouco tempo fazia-se tão imperfeitamente a irrigação das ruas, que o actual inspector de hygiene

achou prudente, e com razão, supprimil-a. Si ha chuvas torrencias, as ruas ficam bem lavadas, asseadas, em boas condições hygienicas: do contrario, a humidade fomenta as fermentações, sem haver meio de obstal-as por falta de agua.

Vivemos, pois, *ao Deus dará !*

Si o illustre ministro da agricultura quer ligar o seu nome a um serviço de valor incalculavel, sempre lembrado e querido pelos habitantes desta cidade, dê-lhes agua: está em suas mãos fazel-o.

Não se illuda com o que presenciou durante a ultima estação calmosa, nem tranquillise-se por não ter ouvido as queixas do costume, porque o verão deste anno foi como ha muito não se dà, e por excepcional pôde ser considerado um mimo da natureza.

III

Esgotos—Reproduzir as accusações dos hygienistas, clinicos e engenheiros contra os esgotos desta cidade daria materia para um volume.

Abster-me-hei disso porque apenas pretendo condensar quanto possivel esta magna questão.

Incontestavelmente os esgotos realizaram importante melhora-mento material, evitando o grosseiro espectaculo da remoção ostensiva das materias excrementicias para o mar, como era costume até 1864; mas pelo menos é problematico que tenham produzido equivalente beneficio ás condições hygienicas da cidade, ao seu saneamento.

Attribue-se aos esgotos defeitos insanaveis, pois tanto vale accusar a má qualidade do material de construcção, inclusive a substancia fraca e permeavel da soldadura dos tubos, insufficiente capacidade dos collectores subsidiarios e a inobservancia de nivel na occasião do assentamento, por descuido dos encarregados do serviço e mais tarde por falta de firmeza do sub-solo.

A par desses vicios radicaes ha o do má funcionamento, a falta de ventilação das galerias, a facilidade de arrombamento, o perigo da descarga na bahia, a imperfeita desinfecção, etc., etc.

E' certo que alguns desses inconvenientes não são directos, mas derivados da insufficiente provisão de agua, como sejam as obstrucções e a incompleta ventilação das galerias; em todo o caso os outros são tão graves que obrigam a sèria investigação relativamente ao serviço.

E' de lamentar que o Visconde do Bom Retiro, concessor do privilegio, não tivesse coroado os escrupulos que teve em decretal-o, organizando uma fiscalisação severa para acompanhar a construcção, o que era indispensavel para garantia do resultado.

Não é fácil decidir si é peor não haver esgotos como em Campinas, ou tel-os mãos como aqui.

Quem nunca se conformou com o serviço dos esgotos, foi o Barão de Lavradio. Convencido da sua irregularidade e dos perigos que derivariam para a população desta cidade, cuja salubridade estava a seu cargo, o ex-presidente da junta de hygiene foi sempre o typo do funcionario solícito e consciencioso ; foi inflexível.

Vigilante como era, começou a estudar a influencia que os elementos que lhe causavam apprehensões poderiam exercer sobre a salubridade publica ; e, convencido do perigo, foi incançavel, inexoravel em denunciar-o.

Julgando insufficientes as advertencias, os conselhos e a exposição dos factos nos relatorios annuaes ao governo, o Barão de Lavradio recorreu, para melhor apoiar-se, á autoridade da antiga Academia Imperial de Medicina apresentando em 1873 extenso relatorio, ao qual, além das ponderações anteriormente expendidas, addicionou graves reflexões que constituíam novos argumentos contra a construcção e o funcionamento dos esgotos.

Até então haviam passado sem reparo as palavras do ex-presidente da junta de hygiene ; mas, á vista da tenacidade e da nova attitudo por elle assumida, sahio-lhe ao encontro o engenheiro fiscal do governo junto á companhia *City Improvements*, o Dr. Mello Barreto.

Do seu relatorio nada direi, limitando-me a consignar, para enunciar uma simples consideração, o seguinte conceito exarado á pag. 53 :

« Reconheço que defeitos, e defeitos importantes, existem ; o meio, porém, de corrigir esses defeitos não é por certo o de que lança mão o presidente da junta de hygiene em seus relatorios annuos. »

Antes de tudo, sejamos razoaveis : que meio empregou a primeira autoridade sanitaria para cumprir o seu dever ?

Accusava os defeitos e denunciava o perigo !

A réplica brilhante, vigorosa e de todo ponto victoriosa não se fez esperar por parte do Barão de Lavradio.

A' vista das occurrencias, não podendo o governo por mais

tempo permanecer quêdo, nomeou para examinar os trabalhos e o serviço dos esgotos uma commissão composta de dous engenheiros e do Barão de Lavradio; seria melhor (permitta-se-me a franqueza) que o illustre titular não a tivesse acceitado e muito menos assignado o relatorio offerecido em 1875; porque o ex-presidente da junta de hygiene não podia nem devia conformar-se e subscrever a conclusão geitosamente elaborada e concebida nestes termos :

« Pelo que tem exposto a commissão, são elles (os inconvenientes) originados em sua quasi totalidade da insufficiencia de agua ; por ler-se-hia dizer : — ausencia de agua. »

Quanto ás outras accusações e a commissão foi prudente de mais reconhecendo que « no cuidado que reclama a construcção das galerias e dos encanamentos está o meio de evitar a infiltração no sólo » e usando da seguinte reserva : « Si esse cuidado presidiu totalmente ás construcções a cargo da empreza *City Improvements*, não podia hoje affirmar-o a commissão. »

Fazendo parte da mesma commissão, o Dr. Mello Barreto poderia ter aproveitado a oppor-tunidade para declarar « os defeitos e defeitos importantes », de que tinha sciencia, conforme a sua propria confissão, e propor as providencias que julgasse convenientes.

Seria um serviço precioso naquelle momento a revelação e os conselhos do digno fiscal do governo, profissional geralmente conhecido por provadissimas habilitações.

Calar, porém, o que sabia e assignar aquella conclusão em que os inconvenientes arguidos eram na « quasi totalidade » imputados á « ausencia de agua », parece não ter sido a melhor solução.

Relativamente ao assumpto, cumpre mencionar o juizo expellido pelos engenheiros Drs. Passos, Moraes Jardim, e Marcellino Ramos da Silva, membros da « commissão de melhoramentos da cidade do Rio de Janeiro ».

No primeiro relatorio, igualmente publicado em 1875, disseram elles :

« Não é menos prejudicial à salubridade desta capital a falta de impermeabilidade dos seus canos de esgotos. Erradamente construidos com o fim, segundo cremos, de concorrer tambem

para o dessecamento do sub-solo e tendo, por conseguinte, interstícios na parte superior : devendo, além disso, ter muitas juntas em mau estado, como consequencia das alterações que tem soffrido os calçamentos, deixam esses canos escapar gazes que infiltram no sub-solo poroso e pela acção capillar vão-se estendendo até debaixo das casas.

« E' mesmo possível que os proprios liquidos, elevando-se acima daquelles orificios, derramem-se no terreno e ali accumulem focos de infecção, cujos maos effeitos se sentem quando, na abertura de vallas para quaesquer fins, rasga-se a camada impermeavel do calçamento.»

Alludindo ao imperfeitissimo processo da desinfecção das materias antes de lançal-as ao mar, assim se exprimiram : « O maior resultado que o Rio de Janeiro tem collido do seu systema de esgotos não é, pois, devido unicamente á falta de um abundante supprimento de agua para lavagem dos canos, como acreditam algumas pessoas.»

Para não alongar-me, chego ás extraordinarias e dolorosissimas occorrencias do anno passado, dignas por certo de maior reflexão.



Affeita ás epidemias que, pôde-se dizer, fazem parte integrante das condições de vida nesta capital, e por isso quasi indifferente ás suas manifestações periodicas, sobresaltou-se, entretanto, a população ante as scenas que aqui se deram nos primeiros mezes do anno passado.

Reinava, havia mezes, a epidemia da febre amarella e não inspirava temor ; mas, continuando elevada a temperatura e crescendo de modo nunca visto os casos de morte subita e por accessos perniciosos, não foi possível conter o terror.

Quem é que nesses dias de triste recordação, ao despedir-se da familia para a labutação diaria, deixou de perguntar a si : *voltarei com vida ?*

Nesses dias angustiosos tornaram-se echo do clamor geral os jornaes da capital por meio de artigos sobre as nossas pessimas condições hygienicas — encaradas sob diversos aspectos.

O Paiz de 8 de março, em fôrma interrogativa, referiu-se a boatos sobre a causa do mal que affligia a população, apontando « os encanamentos da *City Improvements* internamente cobertos de crostas e materias fecaes, devido isso á falta de agua ».

O engenheiro do governo junto á companhia, dirigindo-se ao ministro da agricultura, apressou-se em contestar a noticia d'*O Paiz*, considerando-o mal informado quanto ao estado dos encanamentos da *City Improvements* por falta de agua, e affirmou que as aguas recebidas « *conservam as materias fecaes em fluctuação constante, para serem levadas até á casa das machinas, onde se procede á desinfecção, decantação, filtração e descarga no mar* ».

Uma perfeição em summa !

São tambem do mesmo engenheiro as seguintes expressões : « *posso assegurar que não chegamos felizmente ao ponto que se afigura a « O Paiz* ».

Quantas desgraças não correram por conta do — *felizmente* — do engenheiro fiscal ? !

Apezar disso os esgotos tornaram-se o assumpto da cogitação publica.

Os obitos no dia 7 elevaram-se a 129, « numero, disse o *Jornal do Commercio*, na *Gazetilha*, que não nos consta ter sido attingido nesta cidade ».

Os jornaes regorgitavam de artigos, sobrelevando um do Dr. L. R. Vieira Souto, no *Jornal do Commercio* de 10 de março, que causou profunda impressão.

Este artigo trazia, além de outros trechos de publicações por elle feitas em 1886, o seguinte : « Em algumas ruas tem-se encontrado, junto das galerias dos esgotos, deposito de liquidos em completo estado de putrefacção e cujas exhalações os moradores circumvizinhos e os transeuntes mal podem supportar, etc. »

Denunciando novas e graves faltas no serviço dos esgotos, lembrou o illustre engenheiro a lavagem *artificial*, como um meio mais poderoso de modificar as tristes condições sanitarias em que nos achavamos.

« Si a secca que nos afflige prolongar-se até abril proximo, a cidade do Rio de Janeiro ficará inhabitavel », terminava assim o seu importantissimo artigo.

Foi então que o ministro da agricultura reuniu em conferencia o engenheiro fiscal, os representantes da companhia *City Improvements* e o Dr. Vieira Souto, a quem, ouvidas as opiniões, encarregou de experimentar com urgencia o *apparelho de chasse*.

Do pessimo estado em que se achavam os esgotos deram noticia os jornaes, principalmente a *Gazeta de Noticias* de 19 de março, nos seguintes termos: «No collecter geral que acompanha a praia de Botafogo (5º districto), havia estagnado liquido preto e infecto, etc., etc.»

Iniciados os trabalhos, o inspector de hygiene publica reclamou ao ministro contra as excavações nas ruas, allegando perigo para a salubridade naquella quadra desfavoravel.

Foi uma medida de cautela, não ha duvida, mas, a meu ver, inoportunamente requerida, porque, si por vezes a experiencia tem demonstrado que as excavações feitas — já se vê — sem correctivo indispensavel aggravam as más condições hygienicas das ruas, incomparavelmente maior era o perigo do encalhe das materias fecaes em fermentação, tornando-se por isso urgentissima e imprescindivel a lavagem dos esgotos, feitas as excavações com as cautelas hygienicas, a que não deixaria de attender um engenheiro interessado no saneamento da cidade e dotado de conhecimentos especiaes sobre o assumpto.

Não tendo convidado o digno inspector de hygiene publica para a reunião e recorrido ao seu abalisado juizo em assumpto immediato de salubridade publica, o ministro da agricultura incorreu, não ha negar, em sensivel falta, mas é de crer que isso não tivesse influido para que o Dr. Rocha Faria se oppuzesse á realização de uma importante medida de hygiene, porque, considerados os perigos, maior não podia ser o que então corria esta cidade.

Em todo o caso, as gravissimas occurrencias clinicas na estação calmosa e as accusações então renovadas com a maior plausibilidade contra os esgotos impunham a necessidade urgente de um plano racional de medidas hygienicas, sendo a mais importante, quanto á oportunidade, examinar durante o inverno seguinte as galerias e o encanamento, para verificar o estado das jaredes internas, da soldadura e das camadas do sub-solo.

Ha poucos mezes, por occasião dos reparos feitos em uma casa

à rua da Ajuda, encontrou-se rôto o cano de communicação com o collecter subsidiario e grande infiltração de materias no solo. Quantas casas não haverá nas mesmas condições ?

Infelizmente na-la fez-se, e com surpresa vi apenas incluída no projecto de saneamento approvado pelo ultimo Congresso Medico-Cirurgico a syndicancia dos esgotos entre as medidas *urgentes*, quando, independentemente do reforço deste voto, era mais que sufficiente a autoridade do digno inspector de hygiene publica para propor e obter do ministro a decretação immediata da syndicancia *urgentissima* e inadiavel.

Entretanto, sem este elemento de convicção poder-se-ha pelos factos clinicos julgar da influencia perniciosa dos esgotos sobre a salubridade publica ?

Vejamos.

IV

Declarada a epidemia do anno passado com caracter atterrador, voltaram-se todos para as autoridades sanitarias, anciando por medidas que ao menos minorassem os soffrimentos.

Atravessavamos uma quadra realmente atterradora.

Neste transe, e acudindo á solicitude da imprensa, o illustrado inspector de hygiene, em communicação dirigida a *O Pais*, tratou de « esclarecer (palavras textuaes) a opinião publica sobre todos os assumptos que pudessem comprometter-lhe a saude, accrescentando que uma outra epidemia, a *malarica*, despertou com caracter epidemico, revestindo-se de *gravissima violencia no modo brutal* (o grypho é meu) com que agora acommette indistinctamente a população e mostrando-se *no maior numero dos casos superior ou indifferente aos recursos therapeuticos* ».

Ao ler as ultimas palavras, que textualmente transcrevo, tomei-me de gravissimas apprehensões.

Como ? Pois além da febre amarella a roubar-nos annualmente tantas vidas preciosas, ainda mais a epidemia palustre, mas de um impaludismo até então desconhecido, unico, excepcional, e reservado para cumulo de infelicidade da população desta capital ?

Não ha caso em que tão alto se eleve o poder do clinico como na applicação opportuna do sulfato de quinina, seja qual for a violencia e a intensidade do accesso pernicioso.

Não é certamente recurso infallivel, mas tão seguro que é considerado especifico contra as manifestações palustres, qualquer que seja a sua fórma clinica.

Quem escreve estas linhas clinicou por muito tempo em uma cidade onde quasi annualmente o impaludismo assumia caracter epidemico — mais ou menos grave ; teve um sem-numero de

oportunidades de applicar o sulfato de quinina, encontrando sempre soberano recurso contra as mais agudas e graves manifestações da infecção malarica.

Com essa pratica e a continuada observação até o anno passado era impossivel deixar de interrogar a si proprio : que epidemia malarica é essa, denunciada pela propria autoridade sanitaria, que mostra-se, na maioria dos casos, *superior ou indifferente* aos recursos therapeuticos ?

E' tão grave o facto, que mesmo passada a crise epidemica, cumpre estudal-o a fundo e seriamente reflectir nos acontecimentos clinicos que aqui se deram nos primeiros mezes do anno passado, porque, al'ém de outras razões intuitivas, não é de tranquillisar a confissão de haver nesta cidade — zombando dos recursos therapeuticos — uma molestia que em toda a parte se debella, e que, a continuar assim, seria a peor de todas as molestias, mais temerosa ainda que a febre amarella, o cholera e a peste.



Naquelle occasião fui convidado pelo capitão de fragata Mancebo, pessoa de minha amizade, para visitar um doente em sua casa. Era uma criança de 5 para 6 annos, que amanhecera febril no dia anterior. Informaram-me então que, não obstante a applicação de um laxante de oleo de ricino e seis decigrammas de sulfato de quinina, sobreviera-lhe, das 10 para as 11 horas da noite precedente, intenso accesso febril acompanhado de agitação e prostração consecutiva.

No exame que fiz, não encontrei augmento de volume do figado ou do baço ; a lingua estava pouco saburrosa ; era grande a sede ; nada mais havia, á excepção da temperatura a 38°,5 : o estado geral era regular e o doente parecia abatido.

Mediquei-o com sulfato de quinina, procurando prevenir o accesso nocturno, ou pelo menos attenual-o. Renovando á tardinha a visita, convenci-me de que tratava-se apenas de uma manifestação palustre, que dava-me tempo de debellar.

A temperatura não tendia a subir, e por isso, mandando, por

segurança, applicar mais uma dõse de sulfato de quinina, retirei-me tranquillo.

Ao visitar o doente na manhã seguinte, soube com grande surpresa que mais violento do que na vespera voltara o accesso, caracterizado por elevadissima temperatura e grande fraqueza. Com effeito, encontrei-o mais cahido, marcando o thermometro 39°.

Entendendo, à vista do occorrido, que não convinha começar tão cedo a prevenir um accesso que se declarava alta noite, limitei-me a indicar cozimento de Lewis de duas em duas horas, devendo applicar-se ao meio-dia e repetir às 3 horas da tarde—meio gramma de quinino.

A' noite maior abatimento, sendo igual à da manhã a temperatura axillar. Mais meio gramma de quinino, poção vinhosa, affusões frias durante o accesso, que me parecia inevitavel, eis o que aconselhei, retirando-me desanimado.

Effectivamente pela manhã tive de passar attestado de obito : ao terceiro accesso succumbiu o doente, ficando a limpo a *superioridade* ou *indifferença* do mal aos meios therapeuticos.

Com pequeno intervallo tive outro doente na mesma casa. Apesar de haver eu da outra vez empregado sulfato de quinina fornecido por uma pharmacia de confiança, a do Sr. Araujo no largo do Machado, tendo-o experimentado com o melhor exito em outros doentes, inclusive uma pessoa de minha familia, recommendei que se recorresse ao sulfato de quinina de superior qualidade que costuma haver na pharmacia dos Srs. Leone e Werneck.

Não houve meio de evitar-se o fallecimento do doente ao terceiro accesso pernicioso, ficando provado que o melhor sulfato de quinina equivalou a uma substancia inerte, sendo de notar que, havendo eu começado o tratamento desde os primeiros symptomas, não pude prevenir o primeiro accesso, o segundo e menos ainda o terceiro.

Pelo mesmo tempo succumbiram na extinta casa de saude de Nossa Senhora da Ajuda seis doentes, com pequenas variantes, de modo surprehendente, inexplicavel e fõra de toda previsão.

Eu não carecia, é certo, testemunhar esses factos para con-

vencer-me da diminuição das probabilidades de sobrevivencia naquella quadra calamitosa em que estavamos desarmados contra manifestações malaricas, *superiores* ou *indifferentes* aos meios therapeuticos, porque bastava-me a autorizadissima affirmação do illustrado inspector de hygiene publica. Em todo o caso vi com os meus olhos e avaliei que a gravidade da situação era muito maior do que geralmente se pensava.

Todos temiam, sem saber que havia razão para temer ainda mais. A nossa vida estava à mercê das circumstancias, e, si a Providencia Divina, para quem, antes do conselheiro José Bento, já appellava o conselheiro Paulino de Souza em um dos seus relatorios, não nos acudisse com a chuva, que começando a 14 de março tornou-se copiosa do dia 17 em deante, teríamos testemunhado uma verdadeira hecatombe.

Como o perigo passou, não ha inconveniente em revelal-o ; sim, ha vantagem de provocar medidas em ordem a preservar a população de grandes males futuros.

No relatorio de 1869 o Barão de Lavradio presagiava « grave compromettimento da saude publica, sobretudo si algum anno de secca prolongada se manifestar ».

Realizou-se o vaticinio do provecto hygienista, e o tributo pago á singular imprevidencia não podia ter sido mais cruel.

A' vista do occorrido, cabe perguntar : a epidemia malarica foi um producto eventual, unico, das condições meteorologicas e outras aqui reunidas o anno passado, ou tem raizes em annos anteriores ?

Os dous mais importantes trabalhos publicados aqui sobre o impaludismo, a saber : o *Estudo clinico sobre as febres do Rio de Janeiro* (segunda edição), do Barão de Torres Homem, de saudosa memoria, e o de mais recente data *A Malaria e suas diversas modalidades clinicas*, do illustrado professor de clinica Dr. Martins Costa, nada adeantam relativamente á existencia de manifestações palustres — superiores á acção da therapeutica.

Nesses livros é bastante desenvolvida a parte relativa á febre perniciosa, e minuciosamente estudadas as varias e mysteriosas fôrmas do impaludismo agudo.

Relativamente á necessidade de atacar com promptidão e energia os casos de accesso pernicioso e applicar com firmeza o sulfato de quinina, abundam em abalisados conselhos ; mas, parecendo-me que além das fôrmas descriptas um novo typo clinico de impaludismo se denunciara na ultima epidemia, recorri a dous autores antigos, que desenvolvidamente occuparam-se com as febres nesta cidade e aos relatorios da inspectoría de hygiene, para esclarecer-me sobre o privilegiado impaludismo e o tempo em que começou a influir na nossa constituição medica, trabalho paciente, mas necessario, cujo resultado, que resumirei, considero instructivo ou, para melhor dizer, importantissimo.

* * *

No *Ensaio sobre as febres, com observações ácerca da topographia, clima e demais particularidades que influem no caracter das febres do Rio de Janeiro*, publicado em Lisboa em 1809, o Dr. Mello Franco diz :

« No Rio de Janeiro todas as febres, que tenho visto, trazem o caracter de abatimento. »

Admirava-lhe que : « predominando muito no Rio de Janeiro effluvios assim humanos, como pantanosos, não fossem frequentes as febres contagiosas, nominadamente a typhoidea — attribuindo o facto a *uma particularidade desta cidade* »: — a abundancia de electricidade da atmosphera.

« De novembro até abril, diz elle, ha quasi infallivelmente uma ou mais trovoadas do meio-dia até para a noite, as quaes, si não descarregam na cidade, é nas suas vizinhanças. »

Pelo que se passa aos nossos olhos, parece-me acceptavel a explicação do Dr. Mello Franco: ainda o anno passado, alguns dias de trovoadas successiva e chuva abundante applicaram subitamente uma epidemia feroz, e este anno, graças á suavidade da estação, a trovoadas, não diarias, mas repetidas como nunca vi, e á copiosa chuva, isto é, ao banho da atmosphera e á lavagem do solo, atravessámos tranquillamente o verão, quasi sempre tormentoso.

Já o Dr. Sigaud notava (*Du climat et des maladies du Brésil*, 1844) mudança nas pyrexias — por não apresentarem a forma francamente periodica por elle observada durante dezoito annos, mas principalmente a das febres algidas e larvadas, tornando-se mais frequentes *as perniciosas*.

Resumindo suas reflexões, dizia: « *Le sulfate de quinine a contentant réussi dans le traitement des pyrexies aigues.* »

No relatorio de 1863 (3 de março) o Dr. Paula Candido, referindo-se ás *febres infecciosas*, declara « que as medidas sanitarias tendentes a attenuar e remover *esta peste* das cidades, se referem ao ar, ás *aguas*, ás *moradas*, aos *alimentos* e aos *habitos* ».

No obituario de 1862 figuram 496 casos de differentes especies de febres, além da febre amarella.

Em um relatorio do mesmo anno o Barão de Lavradio, presidente interino da junta de hygiene, pensa que tudo concorre « para provar que a maior parte da nossa população, que morre annualmente, é victima da tísica pulmonar, das lesões agudas ou chronicas do apparelho digestivo e das *febres infecciosas* ».

Até aqui nada de extraordinario, a não ser a grande frequencia das febres palustres, aliás notadas sempre nos relatorios anteriores, até pelos ministros, e a transformação incipiente allu-

dida pelo Dr. Sigaud no character das mesmas febres, explicada pelo augmento da população e a complexidade dos germens pathologicos, desde que às emanações palustres se reuniam productos da fermentação do despejo no mar e nas vallas que cortavam a cidade em varias direcções.

Vejamos o que dahi em deante occorreu.

No relatorio de 1867, depois de alludir às febres intermitentes e remittentes, regulares, ponderou o Barão de Lavradio que havia « outras com typos differentes em sua marcha, acompanhadas de *phenomenos* tão *anomalos* que difficil era poder classificar-as »; acrescentando : « Uma observação singular saltou aos olhos de muitos praticos, e vem a ser : que em differentes circumstancias em que os *phenomenos* de *periodicidade* eram manifestos, e tornavam indispensavel o emprego dos *quinados*, estes, applicados com vistas de *prevenir novo accesso*, não só não conseguiam o *resultado esperado*, como pareciam aggravar o mal. »

No periodo immediato lê-se ainda : « Nos casos em que a molestia *resistiu* aos *preparados de quina*, etc. »

E' a primeira vez que se encontra denunciada — e em termos explicitos — a rebeldia das febres palustres à energica acção do seu especifico ; notando-se que a referencia foi aos successos pathologicos do anno de 1866, o primeiro em que funcionaram todos os esgotos da cidade.

Mera coincidencia ou filiação, o facto é real.

Prosigamos.

Em 1868 observava o ex-presidente da junta que, tendo havido 402 obitos de febres infecciosas em 1866, elevaram-se a 697 no anno seguinte, isto é, mais 295, com a circumstancia de darem-se quatro e cinco fallecimentos por dia ; dizendo de novo o Barão de Lavradio : « não foi, porém, isso o que mais digno de attenção houve ; o que mais reparo causou aos praticos foram as *anomalias*, que se notaram na marcha da molestia e em seus caracteres symptomatologicos, identicos aos observados em 1866 ».

São do mesmo relatorio as seguintes e interessantes informações:

« Nos casos mais graves, ou se manifestavam com *symptomas typhoides* ou *perniciosas* tão violentos, que os doentes succumbiam em poucos dias !

« Como quer que seja, é indubitavel que na generalidade dos factos foram elles mais graves e fataes do que em 1866, e mais frequentes os exemplos *continuados* da *fallibilidade* de acção dos agentes therapeuticos empregados para vencel-os, etc.»

No relatorio de 1870 ainda mais impressionado se mostrava o Barão de Lavradio com a feição das molestias infecciosas: as pneumonias já não eram francamente inflammatorias, como ha 20 annos; outra era a face das indicações therapeuticas, « mórmente si se dava a coincidencia com o estado da prostração das forças, apparentando a forma typhoide.»

Referindo-se ainda ao novo character das molestias infecciosas, dizia o zeloso funcionario: « a observação clinica demonstra que estados bem graves teem substituido áquelles de que fallei, difficultando a apreciação dos factos e *inutilizando o emprego dos anti-periodicos.*»

No relatorio de 1871 accusa apprehensões baseadas no incremento annual das febres infecciosas, apesar dos melhoramentos hygienicos realizados. Investigando as causas daquelle phenomeno pathologico, filiava-o « à obstrucção dos canos de esgoto, resultando a infeção do ar quer do interior das habitações, quer do exterior, tendo sido necessario abril-os em varios pontos».

No anno de 1870, tendo ascendi-lo a 1.117 os obitos de febre amarella, os das febres infecciosas elevaram-se a 877.

Em 1871 registrava o obituario 980 fallecimentos de febres intermitentes e remittentes.

« Essa progressão desde 1866, apesar dos melhoramentos hygienicos, insistia o Barão de Lavradio, é contristadora e demonstra que novas condições pathogenicas desfavoraveis actuam na produção dessas doenças, tanto mais quanto notaveis são os symptomas graves de que se revestem, e o numero de forma typhoide em relação ao que acontecia nos annos passados.»

Em 1872, 813 obitos de febres remittentes e climatericas (relatorio de 1873).

O anno de 1873 foi, no pensar do illustre hygienista, um dos mais calamitosos depois de 1830: « Ha perto de tres annos que se notam profundas alterações no nosso estado sanitario... as febres endemicas reinam com uma frequencia descommunal. A compa-

nhia *City Improvements*, com as constantes excavações para fazer as desobstruções dos encanamentos, devidas à falta de agua e a alguns defeitos de construção, contribuiu para augmentar as condições de insalubridade.»

Nesse anno falleceram de febre amarella 3.467 pessoas, e de ebres remittentes e intermittentes 1.676.

Em 1876, de febre amarella.....	2.192
» » » outras febres.....	818
» 1877 » febre amarella.....	3.476
» » » outras febres.....	1.044

No relatorio de 1880 vê-se que, grassando as febres remittentes e intermittentes com maior ou menor actividade, foram mais graves e frequentes as perniciosas, sobrelevando o numero de victimas ao de qualquer das outras :

De febre amarella.....	748 obitos
De outras febres.....	794 »

Cumpre notar : gradativamente e em lugubre *crescendo* chegámos finalmente em 1879 às perniciosas, pela primeira vez destacadas do grupo das febres infecciosas, por ter o numero de victimas excedido o das outras febres !

Com o relatorio de 1880 o Barão de Lavradio terminou a sua tarefa, demittindo-se da presidencia da junta de hygiene, sem que em tempo algum affrouxasse em denunciar a crescente insalubridade desta cidade, manifestando delicadeza de tacto e penetração de espirito no exame dos factos pathologicos durante o afanoso cyclo das elevadas funcções do seu cargo, sempre desempenhadas com inteireza de character e probidade profissional.

E' justiça a que tem incontestavel direito o Barão de Lavradio, que, além de tudo, sacrificou fortuna, posição e clinica ao bem publico.

Do Dr. Souza Costa é o relatorio de 1881, comprehendendo tambem o anno anterior.

Em 1880 morreram :

de febre amarella.....	1.433 pessoas
de febres infecciosas.....	941 »
H. 4	

Especializada a mortalidade, figuram as febres *perniciosas* com 555 obitos, as typhoides com 178 e as palustres simples com 208.

O anno de 1881 foi relativamente benigno ; pois bem : emquanto a febre amarella, que hoje nos serve de criterio do estado sanitario, fazia 212 victimas, elevava-se a 693 o numero das de febres palustres de varios typos e fórmas.

No primeiro trimestre de 1882, cujo estado sanitario o Dr. Souza Costa reputou satisfactorio, não houve um só fallecimento por febre amarella, dando, porém, 204 por febres diversas.

Conforme consta do relatorio do Dr. Freire em 1884, falleceram no anno anterior :

— de febre amarella 1.336 pessoas,
de febre *perniciosa* 600 pessoas,
de febre typhoide 160 pessoas,
e de outras febres 352.

Só de febre *perniciosa* 600 pessoas !

Em 1884, conforme o relatorio de 1885, morreram de febre amarella 579 pessoas :

de febre *perniciosa* 413 pessoas,
de febre typhoide 154,
de outras febres 144.

Em 1885 (relatorio do Barão de Mamoré em 1886) houve :

de febre amarella 374 obitos,
de febre *perniciosa* 562 obitos,
de febre typhoide 189 obitos,
febres diversas 192.

Delle é tambem o relatorio de 1887, que traz a seguinte relação mortuaria :

anno precedente : febre amarella 1.015 casos,
impaludismo 1.086 casos,
febre typhoide 114.

Neste relatorio não ha discriminação das fórmas clinicas do impaludismo e por isso não se pôde fixar o numero das victimas de febre *perniciosa*.

O do conselheiro Costa Pereira em 1888 menciona 915 casos fataes de impaludismo e 75 de febre typhoide em 1887 ; quanto á

febre amarella e ás fôrmas de impaludismo não ha esclarecimento algum.

O de 1889, apresentado pelo actual inspector de hygiene publica, o Dr. Rocha Faria, registra a seguinte mortalidade por pyrexias durante o anno anterior :

Febres estivaes.....	35
» perniciosas.....	616
» remittentes palustres.....	115
» typho-malaricas.....	71
» typhoide.....	95
Typho.....	9

Longa foi a jornada ; eis-nos, porém, chegados ao calamitoso anno de 1889.

Deixando de parte a febre amarella, cujo apparecimento pouco impressiona a população, habituada como se achava a essa molestia, que é quasi *nossa concidadã*, occupar-me-hei de preferencia com as que maior gravidade imprimiram á crise epidemica do anno passado : *as mortes subitas* e os *accessos perniciosos*.

Quem primeiro incluiu as *mortes subitas* no nosso quadro pathologico e mortuario foi o Dr. Paula Candido no seu relatorio de 1863, com a seguinte referencia : « Nos mezes de abril a setembro e neste alguns casos de morte subita ou dentro em poucas horas por effeito das apoplexias e congestões violentas para o cerebro, *como succede em taes mezes* (é meu o grypho), appareceram nesta cidade, em consequencia sem duvida das *mudanças atmosfericas repentinas*. »

Posteriormente o Barão de Lavradio em mais de um relatorio referiu-se á especie ; mas dahi em diante não se tratou mais disso, até que o anno passado veio contribuir, em não pequena escala, para augmentar o terror da população.

Em fins de fevereiro começaram os jornaes a chamar a attenção para os casos desusadamente frequentes de mortes subitas, e dahi em diante, tomando-as por thema, passaram a indicar diariamente o numero de obitos.

A 7 de março, *O Paiz* consignava 11 fallecimentos subitos no dia anterior, e nos dias 8 e 10 sete em cada um.

A causa das mortes subitas ficou sem solução satisfactoria, apesar dos pareceres emittidos por varios profissionaes para explical-a.

Entre as hypotheses a insolação foi a que teve mais adeptos, entre os quaes o distincto Dr. Sodré, que sustentou-a convenientemente perante a sociedade de medicina e cirurgia.

Em sua opinião as mortes subitas foram casos de febre amarella fulminante ou na maior parte devidos á insolação; e para explicar os desta especie, apoiou-se nos congeneres na India, descriptos pelos medicos inglezes.

Invocar o *accessio fulminante* da febre amarella como causa das mortes subitas, é inadmissivel aqui, ondo tal resultado nunca se observou, mesmo em epidemias mais graves do que a do anno passado; é, permitta-se-me a franqueza, uma hypothese gratuita.

Quanto á insolação, parece-me inaceitavel como explicação, mesmo não se negando a influencia que as altas temperaturas possam ter exercido para aggravar a situação.

Nos logares onde dá-se a insolação notam-se fôrmas e grãos differentes: ha, é certo, casos de morte subita, como se observou nos soldados expostos directamente ao calor solar na India, e os denominados *insolação dos ceifadores*: mas nem todos são fataes ou terminam do mesmo modo, não obstante a grande accumulção de calor no organismo em virtude da prolongada exposição ao sol ardente.

Aqui passaram-se as cousas diversamente; nem as pessoas fallecidas subitamente estiveram expostas do mesmo modo á prolongada acção solar, nem houve fôrmas e grãos do pretenso *coup de chaleur*: a morte foi sempre instantanea, impedindo auxilio.

Acresce que entre os cavouqueiros da pedreira de S. Diogo, onde trabalhavam sob a temperatura de 44°, como verifiquei, não deu-se um só caso de morte subita; em Nietheroy, onde o calor não podia ser inferior ao desta capital, nada houve que despertasse a attenção neste sentido.

Finalmente, basta examinar o quadro das observações meteorologicas, publicado na *Revista do Observatorio* durante a primeira quinzena de março, tempo em que deram-se os casos

de morte subita, para deixar de attribuil-os á exclusiva acção da temperatura elevada.

Eis o quadro :

Março — 1889		Capital	Santa Cruz	Cuyabá
1	(maxima).. ..	31,4	30,8	34,4
2	»	29,0	29,2	36,0
3	»	19,8	33,0	38,5
4	»	32,2	37,4	36,9
5	»	33,2	35,7	33,5
6	»	33,6	36,2	35,9
7	»	33,0	38,2	33,4
8	»	33,0	35,0	35,0
9	»	33,3	37,8	36,7
10	»	34,2	38,2	35,9
11	»	31,9	33,9	31,8
12	»	31,0	36,0	31,9
13	»	34,8	36,8	33,1
14	»	30,2	36,0	27,0
15	»	36,0	35,8	33,4

Vê-se, pois, que houve morte subita aquí, e singularmente no interior da cidade, sendo a temperatura absolutamente inferior á de Santa Cruz e Cuyabá.

Em uma publicação n' *O País* e em communicação á Sociedade de Medicina e Cirurgia desta cidade e á Academia de Sciencias de Pariz, o operoso Dr. Freire mostrou o resultado de suas experiencias sobre a natureza toxica do vapor da agua suspensa na atmospherá, que lhe permittiu descobrir « grande numero de spóros redondos de 3 a 4 millesimos de millimetros, formando colonias, etc.

« Taes pesquisas, accrescenta o Dr. Freire, induziram-me a suspeitar que a epidemia fosse devida a principio toxico espalhado na atmospherá, algum corpo pertencente á serie cyanica.»

Do exposto vê-se que o notavel investigador não chegou a resultado definitivo, appellando para *ulteriores investigações*, que Deus queira nunca se realizem por falta de occasião.

Não possuo a estatística dos obitos attribuidos aos accessos perniciosos durante o anno passado, mas é de crer que fossem numerosissimos.

De algumas notas, que tomei, vê-se que houve em março:

Dia 6	de febre	amarella	24 obitos, de	<i>perniciosa</i> ...	27
» 7	»	»	24	»	45
» 8	»	»	21	»	73
» 9	»	»	10	»	71
» 10	»	»	10	»	49
» 12	»	»	5	»	40

Cumpre observar que nos dous ultimos dias não figura a mortalidade por inteiro, mas a verificada até á noite.

Em summa, para melhor avaliar o estado sanitario no primeiro trimestre do anno passado, transcrevo o seguinte trecho, publicado pelo *Jornal do Commercio* de 17 de março:

«Do dia 1 de março a 15 do mesmo mez sepultaram-se nesta cidade 1.531 cadaveres, sendo casos de febre amarella 229 e de febres perniciosas 473!»

Do que deixo dito infere-se:

1º, que, a partir de 1840, mais ou menos, as febres infecciosas nesta cidade começaram a mudar de character;

2º, desde 1866, quando funcionaram todos os esgotos da cidade, começaram a *zombar do quinino*, mostrando-se superiores ou indifferentes á medicação;

3º, a contar de 1879 a febre perniciosa abandonou a congénere companhia, como um ramo separado do tronco, tornou-se autonoma, constituindo um typo morbido á parte com direitos individuaes na classificação nosologica e no obituario.

Goza, pois, tratamento á parte: chama-se *accesso pernicioso*.

Motivos de sobra tinha o Barão de Lavradio para impressionar-se com o augmento, a gravidade e as anomalias apresentados aqui pelas febres infecciosas, em opposição ao trabalho realizado para melhorar as condições hygienicas da cidade, porque, realmente, tanto mais ganhavam estas, quanto peoravam aquellas.

Verdadeiro disparate ou contrasenso hygienico : quanto mais se faz, menos se consegue.

Seria de certo temeridade apresentar a Capital Federal como typo hygienico, porque, para lá chegar, muito ha que percorrer ; mas é innegavel que bastante se ha trabalhado para melhorar-lhe a salubridade, com vantagem não pequena a alguns respeitos.

Temos hoje uma policia sanitaria como ha annos não havia ; os cortiços continuam, mas os peiores desappareceram, e os restantes são vigiados ; os estabulos são em geral assejados, e o serviço de limpeza das praias é regular.

Onde está, pois, esse laboratorio infernal ?

Nas nossas casas e quintaes em verdade pouco assejados ?

Nas ruas, vergonhosamente calçadas, cheias de depressões, mal varridas, mal limpas, atulhadas de materia organica, sobretudo as percorridas pelos *bonds* ?

Acredito que todas essas infracções de uma boa hygiene e alguns outros inconvenientes contribuirão mais ou menos para entreter a fama de insalubridade desta cidade ; mas parece-me que tudo isso reunido não explica a marcha ascendente e singularissima gravidade das pyrexias aqui reinantes, sobretudo da febre perniciosa.

Por que ?

Para melhor responder careço liquidar a seguinte preliminar :
Que molestia é este accesso pernicioso ?

VI

No *Estudo chimico sobre as febres no Rio de Janeiro* o Barão de Torres Homem, seguindo a opinião geral, considerou a *febre remittente simples* uma molestia palustre, divergindo da simples intermittente apenas pelo typo da marcha : remissão em vez de intermittencia.

A febre remittente simples, na opinião do autor, é molestia benigna, terminando pela cura em poucos dias, sendo combatida a tempo. « Depois das primeiras dôses de sulfato de quinina, accrescenta o Barão de Torres Homem, ou a febre cessa desde logo, sem mais accesso, ou o doente é acommettido de um ou dous paroxismos intermittentes antes de restabelecer-se » ; tal é a benignidade dessa especie morbida.

Assim a considera o Dr. Martins Costa no seu livro *A Malaria*, nos seguintes termos: « A febre remittente simples é de ordinario benigna e geralmente dura de cinco a sete dias, podendo durar ainda menos, quando convenientemente combatida desde a invasão. »

Ha, porém, outra febre, a *remittente palustre typhoidéa*, como preferia denominar-a o Barão de Torres Homem, menos benigna e mais duradoura, accrescentando « que a fôrma typhoide franca de que se reveste a pyrexia, e o elemento typhico que domina todo o quadro symptomatico levam-nos a crer que, além do miasma palustre, actua outra causa, que não pôde ser sinão o miasma de origem animal, que produz a verdadeira febre typhoide.

Da acção combinada dos dous principios morbigenicos originase a febre remittente-paludosa-typhoidéa. »

A remittente typhoide, sendo benigna, cede ao sulfato de quinino ; de outro modo relucta: « No segundo caso, diz o Barão de Torres Homem, apesar do uso *methodico e prolongado* deste me-

dicamento, apesar da energia com que é administrado, os *accessos* vão se approximando, a febre toma o *character continuo*, e de mais a mais accentuam-se os phenomenos que caracterisam a dothinenteria. »

Finalmente, a febre remittente typhoidéa nem sempre termina pela cura : o proprio autor cita cinco casos fataes em 58 doentes da sua clinica.

O Dr. Martins Costa não adopta a mesma denominação e prefere a de febre *typho-malarica*, repugnando-lhe attribuil-a a um agente unico e indivisivel (typho-malarico), conforme a hypothese do Dr. Corre, agente que seria o producto binario de uma combinação chimica de dous agentes desconhecidos.

Repellindo com razão essa hypothese, por gratuita, deixa o illustrado clinico de declarar si admitte a concepção etiologica, aliás plausivel, do Dr. Torres Homem, consistente na presença do *miasma* palustre e do *miasma animal* no mesmo organismo, desenvolvendo-se ambos simultaneamente. « Da acção combinada dos dous principios morbigenicos, diz este autor, origina-se a febre remittente typhoidéa. »

Com a devida venia ponderarei ao Dr. Martins Costa que não me pareceram sufficientemente claras as suas idéas a semelhante respeito, porquanto sem fixal-as bem, acceitando ou não a « associação dos dous elementos estranhos » ou a sua combinação não *chimica* mas *clinica*, e sem motivar opinião relativamente á verdadeira etiologia, passou a considerar as duas especies de febre typho-malarica geralmente admittidas pelos clinicos — a *complicada* e a *acompanhada de estado typhoide*.

Insistindo na explicação etiologica de uma enfermidade complexa, como é a febre typho-malarica, cabe-me ponderar que ou o estado typhoide *complicque* ou *acompanhe* a febre remittente, necessariamente obedecerá a uma causa, que outra não pôde ser além do elemento typhico, constituindo um *estado primitivo* iniciado com a febre remittente, cujo processo desde logo preside, o não um *estado secundario* resultante de alguma transformação ou degeneração qualquer.

Ora, tornando-se indispensavel a presença do elemento palustre para explicar o character remittente e o elemento typhico de-

terminativo do estado typhoide na especie em questão, é de concluir que os dous elementos encontram-se no mesmo organismo ao lado um do outro, *clanicamente* associados ou combinados, collaborando ambos para o resultado pathologico denominado — *febre typho-malarica* : porque, afinal, é preciso convir que essa febre não é a typhoide, visto como a sua marcha é mui diversa ; tambem não é a simples e genuina palustre, porque prolonga-se mais do que esta e desobedece á applicação do sulfato de quinina ; mas sim um producto intermediario, participando de algumas qualidades de cada uma das duas especies, sem ser virtualmente uma dellas.

A associação do elemento palustre a outros principios morbi-dos tem sido observada por clinicos de diversos paizes.

Dutrouleau, no *Traité des maladies des Européens dans les pays chauds*, occupando-se da pathologia da Guyanna, assignala as mesmas associações nos seguintes termos :

« *L'influence paludéenne se fait sentir dans presque toutes les maladies autres que les endémies et leur imprime quelques fois des caractères qu'il faut s'attacher de connaître* », accrescentando (pag. 28) que : « *La fièvre typhoide acquiert parfois une grande gravité, et sa combinaison avec la fièvre endémique (a paludosa) lui imprime le plus souvent une physionomie et une marche particulières.* »

Referindo-se ás Antilhas, diz : « *La complication typhoide des maladies endémiques graves, l'état typhoide est, au contraire, assez fréquente et très bien constatée.* »

Eu poderia citar mais opiniões de autores estrangeiros em apoio da associação, combinação ou *enxerto* do elemento typhico no palustre e vice-versa ; mas não o faço por me parecer escusado, limitando-me a accrescentar que em Petropolis, onde abundam os elementos palustre e typhico, são frequentes no verão os casos de febre typho-malarica.

Disentindo na Sociedade de Medicina e Cirurgia a epidemia do anno passado, um dos mais distinctos clinicos desta capital, o Dr. Benicio de Abreu, disse que « de todas as epidemias de 1850 para cá nenhuma teve uma formula tão anomala como a actual, em que houve alguma cousa de particular, que não deve correr

sòmente por conta da febre amarella, assim como não pôde correr sòmente por conta do impaludismo, porquanto o sol abrazador, a consequente secca repelle a idéa exclusiva da infecção palustre: acredita que o esgoto deve ter uma influencia extraordinaria na determinação das mortes ; tambem crê na permanencia das *febres palustres hybridas* (o grypho é meu).

Permitta-me ainda o erudito autor d'A *Malaria* que eu accrescente uma consideração, e vem a ser : que o seu livro e o do Barão de Torres Homem, tratando da individualidade nosologica em questão, passam em silencio uma *mancira* ou modalidade clinica, que, si não for a mais frequente, não é de certo rara nesta cidade.

Já observei algumas vezes a fôrma clinica a que alludo e em uma das minhas filhas, da qual foi assistente o meu distincto amigo Dr. Martins Costa.

A molestia começa sem differença alguma da febre remittente simples, não exigindo, pois, differente medicação : preparado convenientemente o tubo digestivo, emprega-se o sulfato de quinina e a febre não diminue, não sendo de estranhar que isso se dê nos dous ou tres primeiros dias ; insistindo nesta medicação e em alta dôse, como ha mister, observa o clinico com surpresa a estranha reluctancia do organismo : o quinino assim empregado produz os phenomenos physiologicos peculiares, e a febre remittente zomba e continúa *indifferente* ou *superior* à energia do medicamento.

Semelhante rebeldia indica ao medico que o caso não é de febre remittente simples, como a principio pareceu-lhe, mas de typho-malarica, decidindo o diagnostico, ou falta de outro symptoma differencial, a duração ou antes a *resistencia da enfermidade ao sal de quinina*.

Pôde prolongar-se por muitos dias a febre : em um dos meus doentes durou dezenove dias, em minha filha dezoito, como lembrar-se-ha o seu desvelado medico.

Em nenhum destes casos sobreveiu symptoma algum typhoideo, quer intestinal quer na pelle, guardando o processo morbido de principio ao fim, com pequena alteração, o typo remittente, e resisti tenazmente ao quinino, que só deixou de ser

empregado pelo meu collega e por mim quando de todo cahiu a febre.

Não houve seccura de lingua, meteorismo, diarrhéa, petechias, sudaminas ou phenomenos ataxico-adynamicos, salvo a fraqueza proveniente da longa duração de um processo profundamente perturbador dos actos nutritivos.

No capitulo sobre a febre remittente typhoidéa do livro do Barão de Torres Homem e no do Dr. Martins Costa sobre a malária nada encontrei relativamente à fôrma clinica que descrevi, manifestada em casos observados por mim com apurada attenção.



A característica da manifestação palustre é a *periodicidade*, como a do estado typhoideo a *continuidade*: si os respectivos elementos etiologicos actuam no mesmo organismo produzindo a febre typho-malarica, observa-se que cada um dos processos co-relativos mantem, quanto possivel, o character original, isto é: a remissão por parte de um, a insistencia ou prorrogação por parte de outro.

Tres particularidades notaveis dimanam do exposto pelo Barão de Torres Homem e o Dr. Martins Costa em suas obras, essencialmente praticas:

1^a, maior duração da febre typho-malarica do que na remittente simples;

2^a, certa gravidade no primeiro caso, até causar a morte;

3^a, *resistencia aos saes de quinina*.

Cumpre ponderar que, não provindo do elemento palustre semelhante *resistencia*, por ser contra elle potentissimo o quinineo, e até considerado como especifico, só pôde ser explicada pelo elemento typhico, contra o qual é notoria a inefficacia deste agente therapeutico.

A febre perniciosa, bem entendido, a conhecida em toda a parte sob essa denominação, não é um producto exclusivo das nossas condições hygienicas, *uma criação nossa*, hybrida, mas apparece commummente onde existem condições palustres, podendo matar em horas, em um accesso, em dous ou tres, rara vez excedendo este numero, e é a mais energica expressão ou

a manifestação mais grave, ultima, de impaludismo agudo ; mas, si o clinico acode a tempo manejando com firmeza o quinino, não se reproduz o ataque, ou então a intoxicação, profundamente attenuada, responde com um accesso brando, insignificante : o accesso pernicioso está subjugado.

Mude ella de fôrma, distarea-se como puder, o resultado será sempre o mesmo. Das molestias graves ou das agudas não ha uma só em que tanto aproveitem os recursos do clinico, como a febre perniciosa : por grave que seja, cede ao effeito energico do quinino, e a vida prestes a extinguir-se resurge sob a acção providencial do mais precioso agente da therapeutica.

« Raras são as molestias, diz o Barão de Torres Homem, que como esta ostentam o valor da medicina e a importancia scientifica do medico.

Sob a influencia de um accesso pernicioso um doente se acha hoje á borda da sepultura ; depois de ter tomado altas doses de quinino melhora rapidamente, e amanhã está salvo.»

Sendo assim aqui e em toda a parte, como explicar tantos obitos que ha annos se dão nesta cidade, attribuidos á febre perniciosa ou a accesso pernicioso ?

Acaso ganhando em pratica perdem em atilamento os nossos clinicos, de modo a só conhecerem a molestia para mencioná-la no attestado de obito ?

Porventura ha tantos annos só importámos sulfato de quini-na falsificado e inerte ?

Não sendo discutíveis estas duas hypotheses, só ha um meio de explicar a mortalidade aqui determinada pelo accesso pernicioso: é não ser elle simplesmente palustre.

Que a molestia é febre perniciosa, tudo o affirma : com aquella invasão, com aquelles symptomas e aquella marcha não se conhece na clinica outra enfermidade.

Haverá incerteza ou hesitação nos casos de terminação subita ou ao primeiro accesso, mas nunca sendo dous ou tres accessos, o que a completa e caracteriza.

Si zomba da therapeutica e é tão mortal, é que interpõe-se algum outro elemento auxiliando-a na resistencia e augmentando-lhe a gravidade já de si extraordinaria.

Ora, o agente que a experiencia reconhece como apto para isso podendo ser absorvido pelo organismo igualmente com o palustre, desenvolver-se ao lado deste, *escoral-o* contra a acção do sulfato de quinina, e aggravar-lhe o processo morbido, é o typhico, não se conhecendo outro nestas circumstancias; logo á sua associação ou combinação com o elemento palustre deve-se attribuir o funesto resultado que tão cruelmente tem pesado sobre os habitantes desta cidade.

A febre perniciosa simples está, pois, para a febre que denominarei *typho-perniciosa*, como a remittente simples para a typho-malarica. Nesta, e porque uma das partes componentes (a remittente simples) é muito benigna, o processo typho-malarico, apesar de mais duradouro e grave, não é muito violento, não ataca profundamente as forças radicaes do organismo, dando-lhe por isso tempo de organizar os meios de acção e reacção para resistir á enfermidade.

Não acontece o mesmo com a febre perniciosa, por ser de si molestia gravissima, determinando, como diz o Dr. Martins Costa, « brusca ruptura das synergias funcionaes », ou atacando profundissimamente as forças radicaes do organismo, que só se reergueriam por effeito do quinino; mas, nullificado pela presença do elemento typhico, toda resistencia é impossivel, sendo certa a morte com mais ou menos promptidão conforme o grão da dupla intoxicação do organismo.

Não affirmarei que todos os casos de morte subita, que aqui houve o anno passado, obedeçam á mesma causa; mas que em grande parte dependeram da corrupção da atmospherá é crença minha.

Haverá symptomas differenciaes entre a febre typho-perniciosa e a perniciosa-palustre?

Não conheço nenhum: o processo é tão rapido que não dá tempo á manifestação de symptomas typhoidéos, que aliás tem occasião propria: o que notei e todos observaram, a julgar pelas publicações e referencias feitas nas associações scientificas, foi que, sendo multiplas as fôrmas clinicas da perniciosa palustre, a typho-perniciosa manifestou-se sob uma unica fôrma—a ardente.

Fosse apenas um accesso, fossem dous ou tres, era elevadissimo o grão thermometrico, principalmente no primeiro caso.

Em noticia relativa aos accessos perniciosos aqui reinantes disse *La Semaine Médicale* de 24 de abril de 1889 : *Mais nous avons des bonnes raisons de croire que ces pretendues attaques pernicieuses ne sont autre chose que la fièvre jaune à forme anormale.*

Puro engano, proprio de quem escreve de longe, e não tem pratica de lidar com a febre amarella, a qual tem, como as molestias infecciosas, anomalias symptomaticas conhecidas em toda a parte, mas sem paridade alguma com os phenomenos aqui observados o anno passado, e de quem ignora que as lamentaveis occurrencias aqui havidas na ultima epidemia não constituem facto isolado, mas o prolongamento de um estado antigo, como demonstrei, estado aggravado denunciando o nosso habitual desprezo pela hygiene publica, porque — diga-se francamente — até aqui o governo fazia espalhato, agitava-se, perdia a cabeça nas crises epidemicas, e atirava-se aos braços das autoridades sanitarias que, pela falta de execução de medidas radicaes, tantas vezes reclamadas, tornavam-se o ludibrio das epidemias ; passada a tempestade, o governo enjoava-se, aborrecia-se das *impertinentes* exigencias hygienicas, por mais que o avisassem da necessidade de providenciar e do perigo da nossa situação hygienica.

*
* *

E' desnecessario indagar a origem do elemento palustre, um dos factores da febre typho-perniciosa, por saber-se que esta cidade assenta em grande parte sobre pantanos entulhados com terra impura, e que ainda os ha em varios pontos, concorrendo para mantel-os a humidade do sub-solo alastrado por perenne lençol de agua pouco abaixo da superficie.

Resta averiguar onde se elabora o factor—o elemento typhico—ou perguntar como o Dr. Freire na—Comunicação dirigida a *O Paiz*, publicada a 16 de março... « Donde se origina esse principio ? Quanto a mim, diz elle, da decomposição dos detritos organizados, mórmente de natureza animal, tão abundantes nesta cidade, no interior das habitações, nas ruas, nas praças nas praias e sobretudo nos esgotos. »

Referindo-me a algumas destas causas, comprometti-me a demonstrar que reunidas não explicavam o pessimo estado hygie-

nico do anno passado : passo a fazel-o, examinando-as na ordem em que as collocou o distincto collega.

Interior das habitações.— Ha com certeza casas pouco asseadas, sobretudo tendo *porão* ; o bafio do ar impuro exhalado pelas aberturas de arejamento denuncia o desasseio e a impróvidencia dos moradores, que são os principaes prejudicados : os *porões* auxiliam de algum modo a insalubridade, não ha negal-o.

O mesmo dá-se com os cortiços.

Penso diversamente do conselheiro Nuno de Andrade, que os considera *mais temidos do que temiveis*, porque, constituindo ponto de partida da febre amarella, como por vezes tem acontecido, caracterisam más condições hygienicas ; mas, vigiados, como são, e visitados regularmente pelas autoridades sanitarias, prestam menor contingente á insalubridade.

As más condições internas das casas e cortiços, apezar de prejudiciaes á hygiene publica, não explicam os phenomenos pathologicos do anno passado.

Ruas.— Sim, ha nellas detricos organicos : são mal varridas, e occupando grande extensão incontestavelmente influirão sobre as condições sanitarias : mas naquella occasião, secos como se achavam, os detricos não poderiam ter fermentado, tornando-se por isso completamente innoxios.

Os quintaes, aliás excluidos da relação do Dr. Freire, e a que já tive occasião de referir-me, são muitas vezes um deposito de immundicias, póde-se, porém, applicar-lhes o que em relação aos detricos das ruas acabo de dizer. Em todo o caso, aqui não se pratica o mesmo que em Campinas onde lança-se diariamente, como observei, as aguas servidas e os restos de cozinha nos quintaes para o sustento dos corvos : no hotel onde estive reuniam-se pela manhã alguns desses animaes para o habitual repasto.

Alli ha, pois, renovação diaria de materia organica e agua para entreter a humidade, determinando assim a reproducção de germens pathologicos.

Aqui, em abono da verdade, fal não succede.

Praças e praias.— As praças e praias não inspiram receio. Vejo-as limpas, e não posso atinar em que se baseou o Dr. Freire

para incluil-as entre as principaes causas da insalubridade desta cidade.

Esgotos.— Quanto aos esgotos, só ha uma opinião manifestada uniformemente nas conversas particulares, na imprensa, nas discussões scientificas da Academia Nacional de Medicina, da Sociedade de Medicina e Cirurgia e nos dous congressos medicos e cirurgicos aqui realizados. E' convicção geral que os esgotos não preenchem o fim, em virtude de defeitos insanaveis na má qualidade do material da construcção, no modo de reparar os desarranjos, na insufficiencia dos collectores subsidiarios e sua desproporção com a abundancia da materia excrementicia accumulada.

Como já tive occasião de dizer, o Dr. Vieira Souto no exame que fez o anno passado nos esgotos e que a *Gazeta de Noticias* publicou « encontrou nas peiores condições o collector do 1º districto — o que vae da praça da Constituição ao arsenal de marinha —; no collector geral, que acompanha a praia de Botafogo, havia estagnado liquido preto e infecto; o collector da rua do Lavradio tinha o conteúdo estagnado, etc.»

Visto isso, será necessario procurar outra causa para explicar o profundo envenenamento atmospherico durante o verão passado ?

Quem, passando mesmo em *bond*, não sentia o máo cheiro desprendido de um respiradouro á rua do Cattete e de outro á rua do Passeio ?

Quem, transitando pelos passeios, não era incommodado pelas exalações dos canos de communicacão entre as latrinas e o collector subsidiario ?

E as emanções dos outros respiradouros, ou antes *exhaladouros* ?

E as que se desprendiam das latrinas para o interior das casas, e do solo, em virtude da capillaridade, para o ar que respiravamos ?

Por occasião de discutir-se no ultimo Congresso Medico-Cirurgico a prophylaxia da febre amarella, o conselheiro Nuno de Andrade indicou a coincidencia da diffusão da febre amarella entre nós á proporção que se vae estendendo pela cidade a rede

dos esgotos, citando o bairro de Santa Thereza como uma especie de *Sanatorio* para a população desta cidade antes de lá chegar a canalisação dos esgotos.

Verdade é que a Tijuca, considerada tambem immune e até invocada pelo Dr. Paula Candido como prova em contrario do contagio da febre amarella, perdeu essa regalia, não obstante a falta de esgotos.

Vamos, porém, ao essencial. O conselheiro Nuno de Andrade, combatendo a lavagem dos esgotos com grande abundancia de agua, exprime-se nos seguintes termos: « A constituição dos tubos, tal qual é, fragil e inconsistente, não poderia resistir a um grande volume de agua : isso daria em resultado o augmento da tensão e, conseguintemente, a inutilisação de todos os tubos, que estalariam em diversos pontos da cidade, vindo o seu conteúdo impregnar o sólo, convertendo o Rio de Janeiro em uma cloaca. »

« O orador verificou que é grande a quantidade de ratos que tem como *habitação* os canos de esgotos, *onde existem buracos* (o grypho é meu) e lacunas, pelas quaes transitam esses animaes. »

Eis, em resumo, a descripção dos esgotos da capital dos Estados Unidos do Brazil feita em plena sessão da importantissima Sociedade Medica, por uma das primeiras autoridades sanitarias !

Esburacados os tubos, não fallando nos outros defeitos apontados pelo illustre funcionario, como impedir a infiltração do solo, mesmo não havendo grande quantidade de agua em circulação nos canos de esgotos ?

Demais, enquanto a prolongada falta de chuvas e a elevada temperatura esterilizavam completamente as substancias organizadas existentes na superficie do solo, difficultavam o regular funcionamento dos esgotos com a accumulacão de materias animaes, determinando a fermentação e exhalacões em tamanha escala, que é incomprehensivel a sua neutralidade nas combinações etiologicas e operações morbidas aqui effectuadas o anno passado.

Eis porque affirmei que, mesmo reunidos os outros focos de insalubridade que aqui existem, não explicariam os complexos estados pathologicos manifestados naquelle verão.

Que os esgotos nesta cidade constituam o vehiculo da febre amarella, não affirmarei, por ignorar qual o terreno apropriado e o inhospito para a cultura do respectivo microbio, sem contudo negar-lhes intervenção no desenvolvimento e gravidade desta epidemia — *como foco de infecção preexistente*.

Consideral-os neutros, sendo, como foram, enorme deposito de materia animal em decomposição; divorcial-os das alterações dadas nas manifestações palustres successivamente aggravadas desde a iniciação daquelle serviço; e deixar de consideral-os origem do factor typhico, que de combinação com o palustre produziram o estado morbido complexo que, sob a denominação de accesso pernicioso, tantas victimas fez na calamitosa quadra epidemica do anno passado, chegando a exceder o numero dos da propria febre amarella, é o que não poderia fazer porque equivaleria considerar puro o que é notoriamente impuro, phantasiar focos de infecção typhica em outros pontos, havendo sob o solo e em nossa casa um tremendo foco nos esgotos do Rio de Janeiro para envenenar a atmosphera.

Febre perniciosa palustre não foi a que reinou epidemicamente o anno passado; não podia sel-o: certamente foi uma febre de accessos, denunciando a presença do elemento vegetal, mas de accessos perniciosos complexos, em que figurava outro elemento — o typhico — profusamente derramado no ar que respiravamos, devendo-se attribuir a esse elemento a *indifferença* ou *superioridade* da molestia aos recursos therapeuticos, e a singular mortandade de outro modo inexplicavel em uma cidade onde os clinicos conhecem as manifestações palustres e sabem manejar os meios ou o principal meio de combatel-as victoriosamente.

Este *accesso pernicioso* não é, pois, o commum, o palustre; mas, em vista do exposto, o excepcional e actualmente privativo desta cidade: o *accesso typho-pernicioso*.

VII

Causa estranheza que os governos transactos, testemunhando a insalubridade desta capital na manifestação intensiva e extensiva das epidemias annuaes, repercutindo desfavoravelmente aos nossos creditos e interesses no estrangeiro em noticias propositaes ou não das nossas condições hygienicas, e informados do pessimo estado dos esgotos, constantemente denunciado pelas autoridades sanitarias, se descuidassem por tanto tempo de mandar examinal-os rigorosamente para calcular-se a influencia deste poderoso elemento de saneamento sobre a salubridade publica.

Custa a comprehender a indifferença, a imprevidencia ou a irreflexão neste assumpto melindroso—a mortalidade publica— e de gravissimas consequencias economico-sociaes, salvo explicando a reproducção de tantos desacertos como o Dr. Hilario de Gouvêa no discurso que proferiu o anno passado, na sessão inaugural do Congresso Medico-Cirurgico.

Depois de descrever as patacoadas mais que reproduzidas a proposito das crises epidemicas, observou o illustrado presidente do Congresso que « os nossos governos de todos os partidos nunca tomaram a serio o saneamento do Rio de Janeiro, e muito menos do resto do imperio ».

Sendo assim, como parece indubitavel, faltando apenas quem o tivesse dito á *queima-roupa*, resalta o motivo por que succedem-se os annos, continuando os habitantes desta cidade a soffrer as consequencias da falta de seriedade dos governos ante tanto damno, tantas afflicções, tantas mortes.

Por aqui se arranjasse cada um como pudesse: serra acima estava Petropolis, refugio de alguns covardes e doce estação dos afortunados.

Aqui — agonia e luto ; lá — flores, festas, alegrias, como si fosse consolo soffrer e morrer ao lado dos que riem-se.

* * *

Discorrendo no Instituto Polytechnico Brasileiro, ha quatro annos, sobre o saneamento desta cidade, disse o Sr. Dr. Paula Freitas que « não podia deixar de insistir com a mai; plena convicção na imperiosa necessidade de se realizarem, com maxima urgencia, as obras completas de drenagem.

« Custo o que custar, accrescentou o distincto engenheiro, é imprescindivel combater este formidavel inimigo que corroee a nossa existencia — a *humidade*, etc. » ; collocando em segundo plano os esgotos entre « as operações que não podem doixar de ser attendidas, *comquanto se reduza.n a melhorar o que já existe* ».

Nos esgotos reconhece os seguintes defeitos :

« Em primeiro logar, as galerias não só recebem as materias feacas das casas e os restos das cozinhas, como tambem as aguas das chuvas e as substancias que estas acarretam ; em segundo logar as galerias e principalmente os conductos ou ramificações não são totalmente estanques ; em terceiro logar, a lavagem é muito incompleta, ou em certos casos inteiramente nulla ; e por fim a ventilação das galerias não é feita como urge. »

Relativamente ao material da construcção, poroso e fragil, ao estado das juncturas, ás dimensões dos collectores subsidiarios e outros defeitos que, a existirem, inutilisariam os esgotos, o Dr. Paula Freitas nada articulou.

O conselheiro Dr. Nuno de Andrade, respondendo na 3ª sessão do Congresso de Medicina e Cirurgia ao Dr. Manoel Victorino, que acreditava que o enxugo do solo melhoraria muito a cidade do Rio de Janeiro com relação á malaria, ao passo que, sob o ponto de vista da febre amarella, em nada influiria, confessou-se « decidido entusiasta do enxugo do solo por todos os processos razoaveis », accrescentando « ser de opinião que o solo conserva o germen pathologico, e que se deve procurar impedir a vida do microbio, tornando-o inhospito ».

São, pois, duas opiniões, do Dr. Paula Freitas e conselheiro

Nuno, concordes na preferencia da drenagem a qualquer outro meio para o saneamento da cidade.

Sem autoridade para emittir opinião sobre este difficil problema de hygiene publica, e ainda menos contestar os conceitos dos abalisados proffissionais, limito-me a perguntar: em que fundaram esta affirmativa tão categorica?

Prescindindo das ponderações do Dr. Paula Freitas, menos competente no assumpto, por ser engenheiro e não hygienista, desejaria saber quaes as indagações feitas pelo conselheiro Nuno de Andrade em ordem a determinar o *habitat* do germen da febre amarella, e que factos o autorizam a attribuir à influencia tellurica as rotações epidemicas dessa enfermidade.

Não será empyrismo propor definitivamente, como fez na sessão do conselho superior de saude publica de 4 de fevereiro, a drenagem do solo, medida dispendiosissima, para o determinado fim de extinguir a febre amarella, sem a demonstração da sua indeclinavel necessidade?

Na sessão do Congresso de Medicina e Cirurgia disse o conselheiro Nuno de Andrade « ser de *opinião* que o solo conserva o germen pathogenico ».

Opinião ou hypothese?

Si opinião, em que a basêa?

Si hypothese, como affirma?

Não é de estranhar a minha pergunta, aliás fundada na experiencia de bacteriologistas da melhor nota.

O professor Flügge, que não é de todo contrario às idéas de Pettenkoffer, diz o seguinte: « *La différence essentielle, entre l'hypothèse et l'opinion que nous devons avoir sur la biologie des bacteriens pathogènes et sur leur attitude dans le sol, reside par conséquent dans le fait que nous ne trouvons dans la terre aucun facteur devant necessairement (o autor grypha este adverbio) agir sur les bacteries pour les rendre propres à provoquer une infection.* »

Em outro periodo diz: « *Nous devons soumettre nos appréciations précédentes sur le développement des maladies infectieuses et spécialement celles relatives à l'influence que le sol exerce sur les bactéries pathogènes à la revision et à la critique.* »

Sobre o mesmo assumpto pondera : « *On peut seulement former des suppositions sur les rapports intimes qui peuvent exister entre le terrain et les maladies contagieuses.* »

Pôde-se, pois, presumir que o solo conserve o germen ; é mesmo crível que assim o seja, mas certo não é.

Concedendo-se, porém, que seja, quaes as razões para affirmar a influencia do lençol subterraneo sobre a evolução do germen ?

Será com a theoria de Pettenkoffer ?

Sem dizel-o com franqueza, limitou-se o conselheiro Nuno de Andrade a consideral-a « obscura nos detalhes » ; não sei si com razão, visto não parecer ser este o lado fraco, sim a falta de explicação sufficiente das circumstancias epidemiologicas das duas molestias que lhe deram origem: o cholera e a febre typhoide.

O mesmo professor Flügge não concede-lhe fóros de theoria, limitando-a a simples hypothese, conforme vê-se da citação ha pouco feita e melhor ainda nestas palavras : « *Quoi qu'il en soit, la manière de voir de Pettenkoffer ne peut être considérée que comme une hypothèse.* »

O professor Arnould, na primeira edição da sua obra de hygiene, concordando que a formula de Pettenkoffer exprime um facto geral e real, acerescenta que é inaceitavel como unica e de applicação universal, repetindo este conceito na ultima edição.

Com effeito, segundo alli diz o professor Arnould, a lei formulada por Pettenkoffer tem soffrido alterações que indicam a sua imperfeição e insufficiencia para explicar as circumstancias em que se desenvolveram epidemicamente as duas enfermidades.

As oscillações do lençol subterraneo, consideradas a principio como a condição mais importante para as manifestações epidemicas, já desmereceram aos olhos dos discipulos, segundo pondera Arnould, do proprio mestre, dando logar à theoria *localista*, em que o essencial é o estado do solo, além de outro requisito apresentado pelos mesmos discipulos — a *igualdade das propriedades do solo*.

Estes retoques, como é obvio, enfraquecem a concepção de Pettenkoffer, reduzindo consideravelmente o valor que lhe attribuiram alguns dos seus apologistas.

Sem necessidade de ir tão longe pedir lições, observa-se que em

algumas capitães de Estados com as mesmas condições topographicas desta cidade, como o Recife, Fortaleza, S. Luiz do Maranhão e Belém, isto é, pouco acima do nível do mar que as margina em parte, assentadas igualmente em planícies de terreno poroso, cujo lençol subterraneo e pouco profundo deve participar das mesmas oscillações, a febre amarella limita-se annualmente a casos isolados, como evidenciam os dados estatisticos colhidos por mim dos relatorios presidenciaes em um decennio, durante o qual houve nesta cidade gravissimas epidemias.

Ell-os :

De 1879 a 1889 :

Recife — 36 casos e 18 obitos em 1880 ;

20 » em 1883 e alguns em 1889.

Maranhão — 13 casos em 1887.

Pará — Alguns casos no porto em 1880 e 34 obitos em 1888.

Foi só o que houve.

Phenomeno mais notavel, que não tem merecido a devida importancia, e aliás digno de estudo e reflexão, é a immundade relativa do norte do Brazil em relação á febre amarella, sendo as condições hygienicas peiores do que aqui, e não havendo serviço de qualidade alguma adequado ás epidemias e medidas quarentenarias contra a importação de germens que esta capital expede annualmente da sua bem provida sementeira.

No Pará, por exemplo, muito deixa a desejar o serviço de esgotos e da limpeza publica.

« O asseio das ruas e praças, disse no relatorio de 1885 o illustrado Dr. Carlos Augusto de Carvalho, é quasi nenhum. Si as chuvas lavam uma parte da cidade, a que está calçada, concorrem tambem para a decomposição do lixo que se agglomera nas ruas da parte da cidade ainda não melhorada. »

O inspector de hygiene do Pará refere-se (relatorio do coronel Cardoso Junior, em 1888) « ás pessimas condições hygienicas em que se acha a capital. »

Alli, pois, onde reúnem-se todas as condições reputadas propicias á evolução dos germens, deveria a febre amarella causar grandes estragos annualmente.

Calor e humidade, cortiços, falta de irrigação das ruas, des-

asseio das praças, casas e quintaes, lixo, máos esgotos de materias excrementicias, tudo, enfim, que é considerado capaz de promover a evolução dos germens pathogenicos, prejudicando a salubridade publica, accumula-se no Recife, Maranhão, Pará, e, mesmo assim, a febre amarella não firma domicilio alli.

Aqui, onde tem-se trabalhado mais pela hygiene, é o contrario: succedem-se as epidemias, algumas gravissimas dessa enfermidade !

A conclusão é que attribuímos as crises epidemicas da febre amarella nesta capital a causas que não parecem verdadeiras, porque, existindo as mesmas talvez com maior intensidade em outras cidades e não faltando o germen da epidemia, esta não se desenvolve, ou si alguma vez isso se dá, não se reproduz, como aqui.

Tratando-se de sanear esta capital, seria utilissimo estudar a fundo o phenomeno para descobrir a causa, de modo a não correr-se o risco de realizar infructiferamente medidas hygienicas onerosissimas para a extincção da febre amarella, poupando-nos o desgosto de mais um mallogro, como o dos esgotos e da empreza Gabrielli.

Que causa será essa ?

Entendo, como já disse, que o phenomeno a que alludo merece profunda investigação.

A julgar *per summa capita*, parece influir para isso o melhor arejamento das cidades do litoral, graças á constancia dos ventos aliseos e á brisa franca e fresca de todas as tardes e noites.

Vem a proposito o seguinte trecho do boletim da sessão de 5 de fevereiro de 1878, publicado no *Annuaire de la Société de Météorologie de France*: « A posição geographica da cidade do Recife preserva-a em grande parte da influencia das molestias endemicas.

« Situada em uma ponta extrema do continente americano e copiosamente lavada pelos ventos aliseos, soffre a acção do miasma palustre apenas algumas horas da noite, quando sopra o terral.

« A exposição benefica a correntes aereas, que não atravessam o continente, colloca a cidade em condições de salubridade verda-

deiramente notaveis, considerado o desasseio de certos bairros, a orientação irracional de algumas ruas e a proximidade de extensos pantanos.»

Si as condições da circulação aerea naquella cidade neutralizam ou minoram a influencia deleteria dos pantanos, é de concluir que se dê o mesmo em relação aos germens da febre amarella.

Sendo assim, comprehende-se a importancia das medidas a realizar para o maior arejamento das ruas e casas. E' uma investigação que a prudencia aconselha, e não deve ser desprezada por aquelles a quem incumbe zelar a salubridade publica e aconselhar providencias efficazes.

*
* *

Voltando à lei de Pettenkoffer, vem ao caso mencionar a cidade de Campinas, onde a febre amarella reproduziu-se este anno, independentemente de qualquer influencia do lençol telurico, alli profundo.

Aqui mesmo, depois de successivas epidemias dessa cruel molestia, sobre o mesmo solo e apezar das oscillações d'agua, houve, sem fallar no anno de 1854, que passou incolume, um intervallo de seis annos (1863—1869) : então poucos ou raros casos se deram.

Não exprimirá isso que a lei de Pettenkoffer carece aqui de confirmação completa ?

Sendo assim, parece temeridade fundar em base incerta uma opinião, para definitivamente aconselhar ou acceitar uma providencia onerosissima como a da drenagem do solo desta cidade.

Por enquanto penso como o Dr. Manoel Victorino que semelhante processo aproveitaria quanto à malaria, por ser notorio que o solo desta cidade é um enorme viveiro do germen malario; mas para a extincção da febre amarella não creio na utilidade da medida.

Este flagello só desaparecerá com um systema completo de saneamento, cooperando para isso a população com o asseio das casas e quintaes.

Não sendo possivel realizal-o, mude-se então a capital para local habitavel, poupando-nos os desastres que muito deporiam

contra a nossa sciencia e ainda mais contra o nosso criterio, de realizar projectos sem attingir o fim principal.

Quanto aos recursos accessorios congregados pelo inspector de hygiene, acredito que pouco aproveitarão no caso de epidemia : sendo benigna nada adiantarão ; quando grave, creio, sem parecer-me ousadia affirmar-o, que o seu effeito será problematico, porque não conseguirão obstar-lhe o incremento, domar-lhe o impeto ou diminuir-lhe a intensidade, desde que contra nós se conspirarem os elementos meteorologicos.

No ultimo verão *deram bom resultado* ; não chegou a haver epidemia de febre amarella.

Isto fez-me lembrar o que em 1885 li no relatorio do conselheiro Franco de Sá. Referindo-se á febre amarella, o ex-ministro observou que « o presidente da junta de hygiene julgava que o seu processo de inoculação de culturas attenuadas de microbios muito concorreu para evitar a propagação do mal no anno precedente ».

Com effeito em seu relatorio disse o Dr. Freire o seguinte : « No concernente á febre amarella, crente, como estou, na immunidade conferida pelo microbio attenuado desta molestia, consegui vaccinar com culturas grande numero de nacionaes e estrangeiros, e tive o prazer de limitar em grande parte os estragos, como mostram os dados estatisticos ; e estou certo teria circumscripto inteiramente a molestia, conforme tem acontecido este anno mesmo, si tivesse vaccinado um numero muito mais consideravel de individuos. »

As inoculações preventivas continuaram o anno passado, acompanhadas até por uma commissão de distinctos profissionaes por parte da Sociedade de Medicina e Cirurgia, e o resultado foi o que todos sabem : formidavel epidemia de febre amarella.

O hospital do S. Sebastião, instituido por iniciativa do digno inspector de hygiene, pouco aproveitará como medida de isolamento ; unico, afastado e collocado em um extremo da cidade, não evitará, além do mais, que continuem a ser tratados em domicilio outros doentes em maior ou menor numero, conforme a extensão da epidemia ; como hospital clinico não corresponderá ao seu fim, em virtude da localização infeliz, e só á custa de

muitas vidas poderá alli permanecer, servindo de exemplo o que se deu no verão passado, em que, não grassando epidemicamente a febre amarella e não podendo ser graves os casos sporadicos, attenta a pouca intensidade da infecção, os obitos attingiram em um dos mezes, segundo informações fidedignas, a 40 % dos casos com a circumstancia importantissima de serem frequentemente atacados de lymphatite perniciosa e serias manifestações palustres os convalescentes de febre amarella, de modo que, si venciam a primitiva enfermidade, não escapavam da adquirida no hospital.

Repito: effcaz isolamento não haverá; pensar o contrario, seria o mesmo que occultar o rosto com as mãos, pensando encobrir todo o corpo.

Ponderar-se-ha que as desinfecções farão o resto, mas infundadamente, porque a sua effcacia depende de um pessoal numeroso e habilitado, e é o que não temos.

« A pratica das desinfecções, diz o professor Flügge, depende de um pessoal dextro, cuja organização deve ser tão importante em cada cidade, como a dos propriosapparelhos da desinfecção. »

Falta-nos um pessoal nestas condições, e por isso a desinfecção não inspirará confiança.

Não careço indicar casas onde falleceram doentes de febre amarella e que não foram desinfectadas; asseguro, porém, que da rua de S. Clemente vieram o anno passado para a casa de saude de Nossa Senhora da Ajuda pessoas que haviam adoecido em casas pouco antes desinfectadas.

Um dia appareceu um desinfectador na mesma casa de saude, por ter encontrado no obituario o nome de um dos doentes alli recolhidos; e, ponderando-lhe o enfermeiro que a casa tinha bem organizado o serviço de desinfecção, replicou-lhe o desinfectador: « isto é por formalidade ».

Demais, si basta um só caso de molestia infecto-contagiosa para contaminar uma localidade, qual o proveito das desinfecções, conhecidos aqui, como são, os subterfugios empregados para frustral-as?

Não é só isso; faltas ainda mais graves se commettem durante as epidemias: na penultima da febre amarella uma pessoa do meu conhecimento viu, no quintal de uma casa vizinha occupada

havia pouco tempo por uma familia desconhecida, uma criada despejar um vaso que trazia ; observando pouco depois o mesmo facto, e desconfiando da côr do conteúdo, perguntou si havia pessoa doente, respondendo-lhe a criada que a ama estava muito mal de febre amarella. Effectivamente poucas horas depois constava na vizinhança a morte da pessoa, cujos vomitos tinham sido despejados no quintal.

Sei que as desinfecções são actualmente empregadas para moderar as epidemias e que aproveitarão em certas condições ; e por isso não são de desprezar os serviços do inspector de hygiene neste sentido ; noto, porém, que confia de mais na proficuidade deste meio sem attender às circumstancias que podem invalidal-o, expondo-nos a novos desastres em epochas epidemicas.

Prova desta confiança exaggerada encontra-se na recente circular aos delegados de hygiene ordenando a desinfecção da casa, moveis, roupa, etc., dos fallecidos de tuberculose.

Custa a crer que o digno inspector de hygiene confie devéras em semelhante recurso, e que dos meios de obstar o desenvolvimento desta enfermidade escolhesse o mais duvidoso, extemporaneo e vexatorio.

Ha mezes houve na Academia de Medicina de Pariz largo debate sobre a prophylaxia da tuberculose entre clinicos da maior nomeada, empenhados em prevenir a propagação deste mal, que lá, como aqui, causa annualmente consideravel estrago.

Quem acompanhou a discussão deveria ter notado o accordo das opiniões sobre a causa principal de transmissão da tuberculose e do maior perigo a remover, que é o *escarro do tuberculoso*.

Affirmou então o professor Cornil que não havia discordancia relativamente á influencia do catarrho tuberculoso — reputado pelo professor Germain Sée e outros como o *unico inimigo a combater*.

A commissão organizadora das instrucções prophylaticas contra a tuberculose e os eminentes clinicos que debateram a especie reconheceram que todo o trabalho preventivo deveria cifrar-se em evitar a desecção do catarrho tuberculoso.

Eis o parecer afinal adoptado pela Academia de Medicina de Paris na sessão de 28 de janeiro deste anno:

« A tuberculose é uma affecção parasitaria e contagiosa.

O microbio, agente do contagio, reside principalmente na materia pulverisada resultante do escarro dessecado dos tísicos e do pús das ulceras tuberculosas.

O meio seguro de evitar o contagio consiste em destruir com agua fervendo ou fogo o escarro e o pús antes da dessecção.

Encontra-se tambem o parasita algumas vezes no leite das vacas tuberculosas; é, pois, prudente usar de leite sómente depois de fervido, sobretudo para a alimentação das crianças.

A academia pede a attenção das autoridades para o perigo causado pelos tuberculosos ás collectividades a cargo dellas, como os lycêos, os quartéis, as grandes estações e officinas do Estado.»

Em vista do exposto o que vale a desinfeção *post mortem*?

Ou o enfermo expectora em escarradeira com agua e por isso é inutil desinfectar por nada haver que esterilisar, ou escarra em qualquer logar, como quasi sempre acontece, e neste caso a desinfeção deverá começar desde o principio da expectoração, continuando durante a vida do doente, por mezes ou annos, o que seria irrealizavel.

As providencias decretadas pelo Dr. Rocha Faria são, pois, as menos importantes de todas.

Do mesmo modo procedeu o rei de Napoles em 1782, como refere o professor Germain Sée em um dos discursos proferidos na Academia, sendo essas providencias tambem adoptadas em Portugal.

O decreto respectivo ordenava, sob pena de desterro, galês e multa, a renovação do soalho dos aposentos, sendo tambem queimadas as portas e janellas e até a roupa dos doentes, etc.

« No reino de Napoles, diz o mesmo professor, foi o decreto executado rigorosamente até 1848. Qual a consequencia? Incalculavel mal e resultado negativo. Não houve medico napolitano ou portuguez que notasse diminuição na tísica. »

Peza-me dizer principalmente a um funcionario tão bem intencionado como o inspector de hygiene: si as medidas prophylacticas continuarem a desenvolver-se neste tom, a hygiene

tornar-se-ha em pouco tempo uma *verdadeira epidemia* nesta capital.

A illustração e o criterio do preclaro funcionario garantir-nos-hão, assim o creio, medidas menos vexatorias e mais uteis contra a propagação da tuberculose.

VIII

Parece-nos inquestionavel a influencia prejudicial dos esgotos nesta cidade sobre a salubridade publica, visto constituirem pelo seu estado um dos mais poderosos e temiveis fôcos de envenenamento atmosferico.

Effectivamente a drenagem do solo muito diminuiria a humidade ; mas em que aproveitaria aos esgotos continuando com a extravasação de liquidos pelo encanamento e mantendo a humidade sufficiente para fomentar as fermentações ?

Parecerá que havendo abundancia de agua, o que felizmente não tardará, conseguir-se-hia a lavagem regular dos encanamentos e a remoção do perigo.

Indubitavelmente assim succederia si o unico defeito fosse a insufficiencia de agua; mas, continuando os outros e tambem graves, como poderá melhorar o serviço ?

Para corrigir os mãos esgotos, supprimindo dest'arte um perigo perenne para a hygiene publica, só ha um meio : *tel-os bons*.

Palliativos ou remendos não resolvem a questão.

Em assumpto tão importante a menor irregularidade deveria provocar providencias immediatas, sendo imperdoavel qualquer hesitação em vista da probabilidade ou certeza que ha de graves defeitos.

A revisão dos esgotos publicos é, pois, da maior urgencia ; para isso deverá o Sr. ministro do interior começar nomeando profissionaes da maior confiança e resolução, que a cavalleiro de condescendencias ou hesitações effectuem esse serviço.

Exame rigoroso, completo...

Depois de obtido o resultado, o digno ministro procederá conforme a sua consciencia e o dever.

Ao primeiro aspecto parecerão escusadas estas reflexões em vista da nova phase da questão, affecta como foi pelo digno ministro do interior á intendencia municipal, que actualmente, segundo consta, estuda os meios de realisar-a consoante ao interesse publico.

Penso, porém, diversamente.

1.º Para fixar um plano que melhor aproveite á saude publica, é imprescindivel conhecer precisamente o estado dos diversos serviços, cabendo o primeiro logar aos esgotos, como base de todos os outros.

2.º Para determinar a preferencia na execução consultando a importancia e principalmente a urgencia das medidas, visto tratar-se de um plano que só se ultimarà com muito tempo de serviço, cumpre primeiro discriminar, para sem detença emprender as que tenderem a eliminar os elementos immediatamente nocivos á vida, caso em que se acham os mãos esgotos.

3.º Si por qualquer circumstancia for ainda adiado o projecto de saneamento, prover-se-ha, ao menos, uma necessidade urgente, acautelando a vida dos habitantes da capital contra as graves molestias infecciosas que os perseguem na estação calmosa, por meio, embora isoladamente, do melhoramento ou da renovação dos esgotos publicos.

Em falta do melhor, procure-se, ao menos, ter o necessario.

Continuar o sacrificio de vidas só por não se poder effectuar a um tempo todo o trabalho para o saneamento completo, não me parece razoavel nem humanitario.

Aos que tomarem-me por exaggerado, figurando a hypothese de adiamento, referirei um pequeno caso:

O anno passado, no periodo ascensional da febre amarella, o conselheiro Ferreira Vianna, então ministro, convocou para 4 de fevereiro uma sessão do conselho superior de saude publica, e no discurso inaugural, declarou : « que a situação do governo era afflictiva, pezando-lhe dizer que entre nós tudo se fazia por explosão, nunca pela prevenção ; que, imprevidente por indole, era deploravel o estado do serviço sanitario ; no meio do clamor da população, era seu desejo fazer tudo que estivesse ao alcance do governo ; que não pretendia somente dar satisfação á

anciedade do momento, mas queria assegurar o futuro desta capital com a adopção de medidas de caracter permanente », terminando por apresentar, entre as mais importantes, a drenagem.

Os profissionais Drs. Vieira Souto e Roxo não acharam o assumpto sufficientemente elucidado, significando talvez que, em vista da gravidade da situação hygienica, não conviria a providencia proposta (drenagem) como a primeira a realizar, e que a melhor seria não proceder de afogadilho, mórmente tratando-se de um serviço onerosissimo aos cofres publicos.

O conselheiro Nuno de Andrade, usando da palavra, mostrou a excellencia do estudo do engenheiro Revy, cujos trabalhos considerou acima de todo elogio, pela perfeição e conhecimento exacto do sub-solo da cidade, terminando por estas palavras : « Si lhe fosse licito, diria até que deveriam ser adoptados sem hesitação. »

O Dr. Rocha Faria, cedendo ao collega a precedencia em uma questão que mais de perto o affectava pela natureza do seu cargo, limitou-se a applaudir « os trabalhos do Sr. Revy, perfeitamente orientados e exequiveis ».

Cumpré notar que, sendo o assumpto de hygiene publica, nenhuma das duas autoridades sanitarias proferiu palavra sobre a preferencia e a indispensabilidade da medida, limitando-se ambas — o que parece singular — a demonstrar a dous profissionais — os Drs. Vieira Souto e Roxo — a excellencia de um trabalho de engenharia.

O conselheiro Ferreira Vianna rematou dizendo que « não lhe faltando firmeza para prevenir os males que affligem a população, estava disposto a assumir perante as camaras a responsabilidade dos actos que praticasse, e que, si o credito não fosse sufficiente, não hesitaria em pedir outro ».

Convencionada ou votada a primazia e a urgencia da medida, abriu-se immediatamente o credito, destinando-se à drenagem do sub-solo a quantia de 3.000:000\$000.

Depois de tanto aqodamento era de esperar o começo das obras no dia seguinte.

Pois não foi o que succedeu, apesar de nada faltar ; o resultado foi outro : ficou o ministro com o seu enthusiasmo ; ficaram

os dignos inspectores de hygiene publica com a sua convicção ; no erario publico devem estar os 3.000:000\$; mas nem um palmo de terra revolveu-se para a drenagem superficial e muito menos para a *profunda*.

Tudo como dantes, verificando-se mais uma vez o proverbios que — *infallivel na vida só a morte*.

Longe de mim applicar *el cuento* ás intenções do Sr. ministro do interior, de cuja sinceridade não tenho razão para duvidar.

Referindo-o, quero apenas mostrar que impossivel não é mai um adiamento das medidas hygienicas reclamadas para o saneamento desta cidade, e justificar com isso a minha proposta de revisão dos esgotos, para evitar as scenas lutuosas do anno passado.

Relativamente ao saneamento da capital, confesso-me adversario das medidas parciaes.

Faltando-nos em todos os ramos da hygiene um serviço efficaç para a garantia da vida, é razoavel adoptar desde já e fazer executar um plano geral, harmonico, amplo, de medidas hygienicas, satisfazendo as urgencias do presente e consultando os reclamos do futuro.

A fazer-se o sacrificio, seja completo ; antes para mais do que para menos ; em pequeno estojo não cabe joia grande.

Domais, o que hoje parecerá excessivo mesmo, pôde amanhã ser mesquinho : tudo presagia o engrandecimento progressivo desta terra.

Si abri excepção, propondo para quanto antes, e primeiro que tudo, a revisão dos esgotos, foi em attenção á urgente necessidade de poupar vidas, e considerando que sem a reforma deste serviço não haverá saneamento possivel.

Pôde-se arrazar morros, rasgar ruas, abrir avenidas, proporcionar habitações convenientes ás classes operarias, arborisar a cidade, dar-lhe agua a desperdiçar, dotal-a com os mais modernos aperfeiçoamentos, fazel-a a mais bella cidade do mundo, etc., e não se romperá o circulo vicioso das más condições hygienicas, emquanto forem máos os esgotos.

*
— — —

Não pretendendo discutir projectos de saneamento, animo-me a indicar, como indispensaveis no que se adoptar, a circulação das

aguas do canal do Mangue e a remoção dos actuaes cemiterios para local apropriado.

Collocados no interior da cidade, constituem grande perigo para os viventes: seria requintada imprudencia conserval-os.

Dá-se aqui um facto digno de especial menção: nos logares pantanosos, em cujo caso esteve a principio esta cidade, começam os habitantes pagando pesadissimo tributo de saude e vidas; com o correr do tempo, com as edificações e mediante o auxilio da agricultura melhoram, como é sabido, as condições sanitarias, resultando allivio do tributo, até tornar-se suave; aqui deu-se o contrario, em vez de melhorar, peiorámos: o tributo de vidas, apesar de periodico, continúa a ser onerosissimo, as epidemias succedem-se cada vez mais graves, denunciando circumstancias extraordinarias que nos desabonam o bom-senso, a providencia e os sentimentos humanitarios.

Do mesmo modo, mas em outros termos, pronuncia-se o Dr. Duclaux na obra *Le Microbe et la Maladie*, dizendo: « Evitemos comprovar e sentir a verdade desta definição cruel, que resume este livro: as molestias epidemicas são a consequencia da ignorancia e a punição da inercia dos povos e dos individuos. »

Dê o illustre ministro do interior resolutamente o primeiro passo: quebre o encanto das medidas hygienicas e conseguirá abrandar quanto possivel os rigores da morte supprimindo as causas que constituem esta capital um fóco quasi perenne de epidemias e uma ameaça terrivel de diffusão por todo o paiz.

Será uma compensação tardia, mas, em qualquer tempo, justissima e humanitaria.

Não creia, porém, o governo da Republica que, realizando o grande *desideratum* do saneamento da cidade, tenha cumprido a sua missão quanto á hygiene publica.

A' fé que não: por assignalado que seja o serviço prestado á população, constituindo-a em divida de inolvidavel reconhecimento, fica reservado ao patriotismo do governo da Republica outra missão tão elevada como essa, mas muito mais ampla, para garantia do futuro de nossa nacionalidade —: revigorar a Raça Brasileira, moral e physicamente abatida.

1. Inequação Brasileira
NE. pag. 66-73
NE. Text.

SANEAMENTO DA CAPITAL FEDERAL

Em relação ao saneamento d'esta cidade não sorprende que pouco divirjam os projectos até aqui apresentados, porque, não havendo serviço completo ou ramo que funcione satisfactoriamente, forçoso tem sido incorporar-lhes todos os meios aconselhados em hygiene publica.

A começar pelas medidas geraes, fundamentaes, do saneamento de qualquer localidade até a ultima de hygiene individual, pôde-se sem exageração affirmar que está tudo por fazer, não havendo uma só que attinja cabalmente o fim, a que se destina.

O abastecimento de agua deficientissimo; a rêde de esgotos subterraneos imperfeita; a ventilação das ruas insufficiente; o calçamento mão; a irrigação apenas simulada; a remoção e o destino do lixo pessos; os cemiterios *intra-muros*; a arborisação descurada; a derubada das mattas inexoravel; a construcção das casas defeituosa; os porões infectos; as casas e quintaes desasseiados; tudo, emfim, incompleto, imperfeito, inadequado, evidenciando a desidia do poder publico e o atraso da população.

O documento mais triste e fiel do estado da hygiene publica nesta capital caracteriza-se no obituario durante o inverno e o verão; sendo a estação benigna, branda a

temperatura, as ruas e os encanamentos lavados pelas descargas pluvias, a mortalidade reduz-se a uma porcentagem consoladora : a 12 de Novembro (cumpre consignar o facto) o obituario registrou aqui 17 casos.

Subindo a temperatura e principalmente havendo escassez de chuvas, tudo muda, faltando medidas hygienicas capazes de, pelo menos, minorar o desfavor do céo, o deleixo da salubridade publica, o menosprezo da vida de nossos semelhantes.

A febre amarella, outras febres de varios typos, o *accesso pernicioso* sempre suspenso sobre as nossas cabeças ; tudo, enfim, que exprime poderosa elaboração de germens infectuosos, pathogenicos, no sólo polluto e em outros fôcos, vergonhosos laboratorios de nossas fraquezas e miserias, emerge e diffunde-se, pondo em relevo o indifferentismo, a imprevidencia, a fria deshumanidade.

Não ; nós não temos coração, ou temo-lo empedernido !

Não nos transportamos em pensamento ao interior de tantas familias victimadas successivamente, inexoravelmente, e entregues á viuvez, á orphandade e á penuria.

As epidemias se repetem em cadencia prevista, temos certeza de que de tres em tres verões haverá epidemia devastadora, o que não significa que sejam saudaveis os verões intermedios, e apesar disso vivemos imperturbaveis ante as scenas de desespero e luto.

Da permanencia da febre amarella durante tantos annos—quantos males para o nosso paiz !

Daqui os germens têm-se irradiado para outros Estados reproduzindo a epidemia ; ultrapassando o littoral, invadiram o interior onde já constituiram focos parciaes, como no Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, que por bastantes annos resistiram, mas por ultimo cederam

às repetidas contaminações resultantes das relações com esta capital e a cidade de Santos.

Apezar do nosso clima não ser classificado entre os mais salubres, a não ser a febre amarella, não se crearia, nem se manteria a fama de insalubridade, conferida no estrangeiro ao Brazil.

Finalmente, das successivas epidemias tem-se feito arma de descredito a nosso respeito. Entretanto, donde provém a culpa?

Dos argentinos, explorando as más condições hygienicas desta capital em beneficio do incremento de seu paiz, não nos devemos queixar, porque a exploração, que tanto nos revolta, assenta em facto real.

Culpados somos nós que, em vez de nos indignarmos contra o procedimento dos nossos *bons visinhos e leaes amigos*, deveríamos inutilizar-lhes a arma nas mãos, preocupando-nos seriamente da situação hygienica da cidade, e não continuar a tirar da insalubridade publica e das crises epidemicas pretexto para favores individuaes, em detrimento do nosso credito, e do bem estar dos estrangeiros que nos procuram, assim como dos nossos compatriotas.

Procedendo acertadamente, firmariamos perante as nações civilisadas a nossa capacidade para realizar medidas de vulto, e a comprehensão dos deveres patrioticos e humanitarios.

Menos espalhafato e mais obras: menos queixumes e mais acções, deveria ser a nossa divisa.

Se procedessemos com mais reflexão e firmeza, conpenetrados de ser a hygiene a maior collaboradora da civilisação de um povo e o seu melhor guia, não andariamos ás apalpadellas, á mercê dos acontecimentos e das justas censuras derivadas da nossa impassibilidade ante as

scenas profundamente tristes, desoladoras, reproduzidas frequentemente n'esta capital.

Nenhum povo de certo se acreditará perante o mundopor actos de debilidade e imprevidencia.

O nosso conceito dependerá, como é natural, dos nossos actos.

Criteriosos, patrioticos e humanitarios não poderemos ser por mera condescendencia de estranhos. Não podemos nem devemos esperar que julguem de nós melhor do que realmente somos.

Da nossa situação hygienica não são sómente responsaveis os governos que temos tido; grande parte dessa responsabilidade cabe tambem á população pelo desasseio das casas e o deleixo da hygiene individual.

Aos nossos ministros nunca fizeram móssa, peza-me dizel-o, salvo honrosas e raras excepções, os males resultantes da notoria insalubridade do Rio de Janeiro.

Por milagre parece que vai realizar-se uma medida de grande alcance para enfraquecer os paroxismos epidemicos da febre amarella: refiro-me á internação dos immigrants.

Na sessão desta Academia, celebrada a 21 de Maio do anno passado, um dos mais distinctos collegas, o Dr. Souza Lima, tendo a *buen-dicha* da reunião de hygienistas e engenheiros effectuada dois dias antes em uma das secretarias do governo, quando declarou que « talvez fosse tardia a deliberação da Academia em relação a medidas que se devem tomar sobre o saneamento da cidade—depois da ultima reunião de hygienistas e engenheiros », tentou ao menos salvar a internação dos immigrants, unico meio de subtrahir combustivel ao incendio.

Desde então o Dr. Souza Lima não cessou de br ter-se pela ideia até vel-a victoriosa, graças á autoridade

e convicção com que sustentou-a na ultima sessão do Conselho superior de Hygiene o digno presidente desta Academia.

Effectivamente. o ministro do interior já ordenou o desembarque dos immigrants na Ilha Grande para serem internados por Sepitiba, evitando a contaminação neste porto e no de Santos.

Seja-me, porém. permittido dizer que esta providencia sensata se completaria se o digno ministro. indifferente á eloquencia do interesse particular, se informasse de pessoas competentes e desinteressadas relativamente ao trajecto mais favoravel á internação.



O desacordo começa quando se trata de julgar da importancia e precedencia das medidas a executar para o saneamento da capital.

Entendem uns que de todas a mais importante e urgente é o enxugo do sólo. por estar a cidade assentada em terreno pantanoso. aterrado com materia polluta, ser pouco profundo o nivel do lençol tellurico. além de suas oscillações alternantes, factores poderosos da repullulação dos germens que infeccionam a atmospherá na estação quente.

Sanear o sólo. considerado receptaculo e laboratorio das producções microbianas, eis. no seu pensar, a condicional do restabelecimento da salubridade publica.

Opinam outros que, funcionando sob os nossos pés uma rêde de tubos imperfeitos por onde o mephitismo se distribue na atmospherá das ruas e no interior dos domicilios. não haverá saneamento possivel sem a conveniente

reparação ou substituição do encanamento, admitindo com Fraycinet que « emquanto fôr incompleto (e ainda peor imperfeito) o serviço do esgoto, sel-o-ha igualmente o saneamento, não ficando a questão resolvida, mas simplesmente adiada. »

Para a elucidação do assumpto, que é importantissimo, principiarei pela opinião do primeiro grupo.

Vivemos sobre um pantano abafado, ponderam os sectarios do enxugo do sólo; o aterro com que foi construido o sólo da cidade era lixo, abundante em materias vegetaes e animaes; além disso, sendo o nivel da cidade pouco superior ao do mar, é pouco profundo o lençol da agua subterraneo, prestando, nas suas oscillações, ás materias impuras um dos elementos de desaggregação, e aos germens pathogenicos, abundantissimos no sub-solo, um dos factores essenciaes á reproducção—a humidade.

Dahi o cortejo das modalidades do paludismo e das epidemias estivaes da febre amarella.

Passo a examinar um por um os fundamentos da alludida opinião.

O primeiro é o *pantano abafado*.

A semelhante respeito disse o Sr. Revy no relatorio de 28 de Julho de 1887: « Suppõe-se geralmente que a cidade está edificada sobre um pantano e que a superficie deste pantano foi gradualmente elevada pelo deposito de terra de entulho até o nivel actual das ruas. Se esta hypothese é verdadeira quanto a certos pontos da cidade situados na planicie, não é, indubitavelmente, quanto a outros situados na mesma planicie. »

Inferese, pois, que é exaggerada a affirmativa de estar a cidade edificada sobre um pantano.

Demais, em toda a parte um dos recursos conhecidos e empregados para extinguir o pantano é aterral-o; aqui, em vista da allegação, succede o contrario; entulhados os

sítios pantanosos. nada aproveitou, ao que parece, o aterro: o pantano continúa... abafado.

Outra providencia é impedir a estagnação das aguas; que não estão paradas sob os nossos pés, demonstrou o mesmo Sr. Revy do modo seguinte: « Por meio de extensas observações foi resolvida a importante questão que a agua subterranea da cidade velha deriva seu supprimento dos morros adjacentes, e como collorario desta questão capital recebem outras a sua solução, nomeadamente que a agua subterranea não pôde estar parada. »

Referindo-se a « correntes regulares no subsólo por dentro de uma camada permeavel, as quaes possuem direcção, forças e suas linhas de despejos para o mar», mostra em seguida que, com effeito « as aguas dividem-se no campo da Acclamação em duas correntes independentes e oppostas, descendo uma para o cães do Pharoux, o da Alfandega e o dos Mineiros, e a outra para o canal do Mangue. »

Da constancia, pois. das correntes aquosas que começando nos morros acabam no mar, dever-se-hia antes concluir que as camadas do sólo em contacto com as mesmas correntes seriam lavadas por ellas e assim expurgadas de materias organicas putresciveis, — capazes de produzir o envenenamento palustre.

Pois não é assim que as cousas se passam, segundo a alludida opinião, porque não obstante as incessantes correntes de agua subterranea continúa o pantano..... abafado.

O segundo fundamento é: *aterro com que foi construido o sólo compõe-se de lito, abundante em materias vegetaes e animaes.*

Apreciarei detidamente esta razão, a cada passo invocada, da insalubridade do sub-sólo da cidade.

Não sei se a natureza formou algum corpo sem vida,

desde a mais simples e rudimentar até a mais elevada e complexa.

O animal vive, o vegetal vive, e o ~~animal~~^{mineral} (peço perdão da heresia) parece também viver.

O pó que o vento levanta e espalha, cellula de um organismo vivo, naturalmente levará consigo o principio da vida.

O granito, por exemplo, enorme massa mineral, aparentemente inerte, não parece ser o resultado da casual superposição de camadas de substancias inorganicas: aquella uniformidade da textura e côr, a cohesão e rigidez estão indicando que alli houve mais algum preparo, um trabalho de assimilação: ora, a assimilação é acto vital.

A formação do granito, dir-me-hão, presidiram simplesmente affinidades chimicas.

Seja assim: o nome não muda a essencia; a assimilação que se opera no interior dos nossos organismos, representando uma das partes do acto nutritivo, fundamental da vida ou a propria vida—conforme a opinião de um hygienista distincto, o que é senão o resultado, como succede no granito, de affinidades chimicas?

Outro exemplo, o crystal: haverá corpo mineral, a não ser o diamante ou o carvão de pedra, que melhor exprima a previa e escolhida combinação dos elementos constitutivos?

Alli houve por força selecção, depuração, transformações, longo preparo de assimilação. O pó de que é formado é por sua natureza opaco, enquanto o crystal compõe-se de um tecido transparente, limpido.

Póde-se, em consciencia, negar intelligencia artistica a esse corpo mineral?

Quem seria capaz de formal-o tão perfeitamente como elle a si proprio se formou? A limpidez, os prismas, a

perfeitissima lisura, pôdem ser obra do acaso? Simples aggregação, automatica, de particulas inorganicas?

Não pôde ser.

No crystal é evidente o resultado da assimilação. acto vital.

Seja como fôr, á terra é que não se pôde negar a faculdade de viver.

Se os corpos inorganicos não gosam de vida alguma, de um viver a seu modo, é forçoso reconhecer que a terra representa a transição entre aquelles e os corpos organicos.

A terra, com effeito, vive : ella respira, e, á nossa imitação, aspira o ar e exhala acido carbonico ; apoderando-se do oxygenio e pondo-o em contacto com as substancias organicas, oxida-as, como dá-se no interior do organismo humano, de modo a realisar, tal como nós, o duplo acto da assimilação e desassimilação.

Nem o homem, que representa o mais elevado grão da perfeição da vida, adquiriria a faculdade vital, se emanasse de um corpo morto, porque só a vida reproduz a vida.

Berço da vida, a terra é igualmente o fim da morte.

Recebendo em seu seio o cadaver, a terra remata as operações a que então o submette, resuscitando-o nos elementos componentes, que ella restitue á vida : sob as camadas da terra, sob esse manto que occulta a podridão, a propria morte é provisoria.

Das incessantes operações effectuadas na terra a oxydação das materias organicas é uma das mais conhecidas ; decompondo-as, dando-lhes outra feição, outra fôrma, restituindo-as á actividade natural, á circulação eterna da materia, a terra se expurga ao mesmo tempo, se desinfecta, se purifica, produzindo-se o que Soyka qualifica de *saneamento espontaneo da terra*; por isso

Arnould considera-o *le grand et peut-être l'universel épurateur*.

Assim é por toda a parte, menos, ao que parece, aqui, a julgar pela opinião dos que carregam á conta da contaminação do subsolo desta cidade os males que affligem a população : aqui o subsolo permanece inerte, parado, morto, e as materias organicas estacionam eternamente, constituindo fôco perenne de elaborações attentatorias da salubridade publica.

Assim, os corpos organicos que de envolta com o aterro entraram na formação do sólo da capital, ainda ahi estão e estarão para sempre.

Relativamente ao estado ameaçador do subsolo vem a proposito citar o seguinte trecho do relatorio do Barão de Lavradio, apresentado ao governo em 1866 :

« Ninguém acreditará e entretanto é uma verdade o facto que vou referir, e vem a ser que a cidade do Rio de Janeiro não tem soffrido abalos profundos em seu estado sanitario, apesar do revolvimento de todas as ruas e praças pelas obras da nova companhia de esgotos, e das escavações profundas que se fizeram por toda a parte.

Tantas circumstancias graves reunidas eram sufficientes por dar origem a epidemias pestilenciaes mais ou menos graves; entretanto uma só não houve que viesse justificar os receios dos homens da sciencia e da população sensata, que, vendo esses elementos de peste espalhados por toda a parte, conjecturavam a possibilidade de qualquer epidemia infectuosa a todo o momento. »

O facto exprime o estado do subsolo, cumprindo notar que o presidente da extincta Junta de Hygiene referia-se a uma occasião em que os aterros eram menos antigos : ha 26 annos passados.

Então, do revolvimento do sub-sólo não resultou

perigo para a salubridade publica apesar do lixo ; hoje se não se sanear o sólo, ai ! de todos nós.

Chego ao ultimo fundamento da opinião dos que entendem que sem o saneamento do solo, de preferencia a tudo, estaremos perdidos : *o lençol tellurico e as suas oscillações alternantes.*

Não careço recordar os argumentos *ad terrorem* produzidos ultimamente para impor a drenagem profunda, nem as promessas ou a segurança da extincção da febre amarella mediante o enxugo do sólo.

Enthusiasta da medida, o Dr. José Felix, quando intendente de hygiene, elaborou sobre a conhecida proposta dos Drs. Hilario e Lima e Castro um parecer, que julgou conveniente instruir com a cópia do quadro apresentado por Soyka ao Congresso Internacional de Hygiene, reunido em Genebra em 1882, representando as curvas oscillatorias do lençol d'agua no sub-sólo de Munich.

Ante aquelle quadro entendia o referido funcionario que todos pasmariam contemplando identicos successos no sub-sólo desta capital.

Passando-se as cousas por aquella forma em Munich, tambem se passariam na capital do Brazil !

Muito se tem dito e escripto relativamente á perigosa influencia exercida sobre a salubridade publica pelo lençol d'agua subterraneo.

Ainda ha pouco um dos medicos mais circumspectos desta cidade, o Dr. Aureliano Portugal, em um communiado á *Gazeta de Noticias* de 9 de Novembro, pronunciou-se nos seguintes termos : « Baseado mesmo em factos aqui observados acceito inteiramente a theoria de Pettenkofer, e acredito que sem o saneamento do sólo pela drenagem, a terrivel molestia (a febre amarella) não abandonará as nossas plagas. »

Pena é que o provector collega, cuja opinião robustecida pelos estudos demographicos tem grande peso, não tornasse igualmente conhecidos os factos de sua observação, porque ha outros que não parecem suffragar a theoria que o collega inteiramente acceita.

Antes de proseguir, observarei que a theoria de Pettenkofer, que se pretende applicar ás condições do subsolo desta cidade e ás occurrencias epidemicas, está passando por modificações. O Dr. Arnould pondera a respeito que « os discipulos da escola Munich e o proprio mestre, na grande obra sobre *L'état actuel de la question du cholera*, tratam de modernisar a doutrina formulada ha mais de 30 annos, e de algum modo attenuar a expressão primitiva; attendendo-se menos ás oscillações do lençol tellurico e mais ás condições do sólo, entre as quaes figura um grão pronunciado de humidade. »

O mesmo autor accrescenta : « Apezar das concessões a etiologia do cholera, depois da descoberta do bacillo de Koch, rompe diariamente o circulo em que Pettenkofer o encerrava. Cada vez affirma-se mais a transmissão directa sem intermedio do sólo, pelo ar e principalmente pela agua. »

Aqui, ao contrario, os sectarios dessa theoria mantem-se dedicados á formula primitiva, mesmo sabendo-se que o germen da febre amarella conserva-se e reproduz-se fóra da terra. no porão de um navio ou no interior dos domicilios, e que não ha necessidade de lençol tellurico superficial. nem de suas oscillações, para que se crie e se mantenha o fóco dessa epidemia; servindo de exemplo o arrabalde de Santa Thereza, um dos logares mais flagelados nestes ultimos annos pela febre amarella, e ainda no ultimo verão. Ainda assim continúa-se a sustentar que no sólo da cidade reside aquelle germen, e que as epidemias são o producto da elaboração do sub-sólo por força das oscillações do lençol d'agua subterraneo.

Um dos mais esforçados defensores do projecto Hilario e Lima Castro, em artigo publicado na *Gazeta de Noticias*, avançou a seguinte proposição : « Entretanto é do conhecimento banal dos clinicos, e mesmo da população desta capital que, logo depois de um ou dous dias de chuva, recrudesce a epidemia de intensidade. Que quer isso exprimir ? Claramente que a humidade favorece a producção e a disseminação desse quid. . . . Parece, pois, que é ali no subsolo que devemos concentrar nossa attenção buscando no seu esconderijo o inimigo e inutilizando-o. »

Com isto pretendia o articulista assegurar que da subida d'agua com a chuva e da subsequente humidade das camadas do subsolo resultavam mais intensa infecção da atmospheria e parallela aggravação da epidemia.

Semelhante affirmativa, seja-me permitido dizer, não é exacta : o que a experiencia mostra é que a pouca chuva activa a epidemia, e que esta só abranda depois de profusa chuva e consequente refrigeração da atmospheria. Em apoio da minha opinião invocarei a experiencia de um dos clinicos que mais estudaram a febre amarella, o Barão de Torres Homem ; eis o que diz a semelhante respeito no livro — *Estudo clinico sobre as febres no Rio de Janeiro* : « Se depois de dias muito quentes apparece uma pequena chuva insufficiente para baixar a temperatura, os casos de febre amarella augmentam de numero e os individuos são atacados com mais violencia. Se depois, de grande calor sobrevem chuvas torrencias, a febre amarella diminue sensivelmente de frequencia e gravidade. »

Estabelecidas as relações entre esses factos, que são communs, e o movimento do lençol tellurico, chega-se ao seguinte resultado : quando chove pouco e o lençol tellurico pouco se move, a febre amarella incrementa ; chovendo muito e sendo mais pronunciadas as alternativas

da agua subterranea, ao contrario do que succederia se nos fosse applicavel a theoria de Pettenkofer, *a molestia diminue sensivelmente de frequencia e gravidade.*

Cumpre aprofundar este ponto, que é capital.

A febre amarella é molestia da estação quente, e para comproval-o não careço citar autores : carecerei, sim, para demonstrar que a elevada temperatura, alliada á sêcca, realisa a condição mais favoravel ás explosões epidemicas da enfermidade.

Foi isso o que notou Dutrouleau nas Antilhas, levando-o a declarar que « é muitas vezes depois e durante uma grande sêcca que o flagello faz maiores estragos. »

Facto identico affirma Leon Collin quando diz que « a sêcca secunda a acção do calor : a epidemia de Cadiz em 1800 foi precedida de 3 mezes de sêcca excepcional. »

O Barão de Lavradio, attribuindo nos seus relatorios papel preponderante ao verão sêcco na aggravação da febre amarella, menciona a epidemia de 1850 « que foi precedida, diz elle, de profundas perturbações meteorologicas predominando uma sêcca excessiva ».

O Barão de Torres Homem tambem reconhecia a perigosa influencia da falta de chuvas no verão, recordando « as modificações desfavoraveis da hygiene da capital depois que desapareceram as trovoadas de todas as tardes aqui habituaes antes de 1850. »

Assim, pois, não é chovendo regularmente no verão, isto é, quando após um ou mais dias de chuva em que o lençol d'agua forçosamente sobe, succedem 8, 10 ou 15 dias limpidos, em que o mesmo necessariamente desce, resultando as oscillações alternantes, que é mais doentio o verão e mais flagelladôra a febre amarella ; ao contrario, havendo sêcca, durante a qual menos varia de nivel o lençol tellarico, por manter-se no plano inferior.

exagera-se a infecção, ostentando-se mais grave a febre amarella e declarando-se outras pyrexias.

Esta interpretação está de completo accôrdo e é plenamente confirmada pelas experiencias aqui realizadas pelo Sr. Revy, como passo a mostrar, recorrendo ao relatorio, já por mim citado, de 28 de Julho, no qual estão consignadas as observações sobre o movimento do lençol tellurico nos seguintes termos: «Começando a chover, o liquido contido nos poços eleva-se simultaneamente e quasi immediatamente.

Cessando a chuva, o mesmo liquido começa immediatamente a descer, sendo a descida lenta e continuando por dias e semanas.»

Assim, nos verões em que ha chuvas, não diarias como outr'ora, mas regulares, com intervallo de poucos dias, o lençol tellurico descreverá repetidas oscillações, subindo immediatamente com as descargas d'agua pluvial, e descendo immediatamente á medida da interrupção da chuva.

Ora, os verões em que isso se dá, são os mais beneficos, os mais saudaveis, os mais felizes, para os habitantes desta capital.

No actual verão o que observa-se? Um ou dous dias de chuva profusa seguidos de 10 ou 15 dias de sol, condições favorabilissimas, a vigorar entre nós o principio de Pettenkofer, á reproducção de germens e á contaminação da atmospherá; graças, porém, á regular lavagem da cidade e ao asseio dahi resultante, unicamente a isso, conserva-se ainda inerte o germen da febre amarella, porque os factores calor e humidade ou as oscillações do lençol tellurico não têm faltado.

A epidemia virá, não só porque o germen não se mostrou enfraquecido, conforme se infere da ultima crise epidemica, como principalmente por acharem-se na cidade

pessoas nimiamente susceptiveis á influencia do mesmo germen.

Estrangeiros continuam a vir e a ficar, e ainda ha poucos dias desembarcou bom numero de portuguezes não acclimados, o que agora não é de admirar considerado que o mesmo se tem dado em pleno paroxismo epidemico.

Não fosse isso. houvesse maximo cuidado em isolar os primeiros enfermos e desinfectar os domicilios, e a febre amarella, do modo como vai correndo a estação. reduzir-se-hia este anno a casos sporadicos, constituindo talvez o ponto de partida para a extinctão do flagello nesta cidade, sustentadas seguidamente as mesmas providencias durante alguns verões e realizadas outras de caracter geral.

Tentaremos, mesmo assim, aproveitar a opporuni-
dade? Deus o queira.

Para maior confirmação do modo como encaro o assumpto, ouçamos ainda as observações do Sr. Revy quando, ao contrario, ha sêca, ou, para servir-me das suas proprias palavras, quando « no fim de uma sêca de algumas semanas, estabelecido o equilibrio entre o supprimento e a descarga, todos os poços descem á posição mais baixa. »

Neste caso o resultado é bem diverso, conforme a seguinte descripção: « Já tive occasião de declarra, escreve o mesmo engenheiro, que as mencionadas linhas de contornos se referem a uma época em que a agua subterranea desce quasi ao nivel mais baixo, o que succede depois de alguns dias de tempo enxuto. Estas linhas ndicam a posição dos niveis, quando se estabelece o equilibrio entre o supprimento e a descarga, sendo esse tempo, (o grypho é meu) *em que o nivel d'agua permanece mais ou menos estacionario dentro dos poços, mudando apenas alguns millimetros por dia.* »

Vê-se, pois, que não chovendo durante algumas semanas, o nível d'agua não varia no plano inferior que occupa, ou, conforme os termos do Sr. Revy, *permanecer mais ou menos estacionario dentro dos poços, mudando apenas alguns millimetros por dia*; cessam, portanto, as oscillações, das quaes resultavam o supprimento da humidade do subsolo.

Pois bem; quando tal succede, e o nível d'agua não oscilla, e ao contrario estaciona na posição mais baixa, durante a sêcca, é que o verão torna-se doentio, como o de 1889 e o ultimo, desenvolvendo-se, não a febre amarella sómente, mas diversas entidades morbidas de caracter profundamente infectuoso: febres remittentes biliosas, febre typhoide, febre-typho-malarica, e o celebre e ainda mal estudado e conhecido *accessio pernicioso*.

Em summa, nos verões regados, em que necessariamente oscillará o lençol d'agua subterraneo, a salubridade publica é menos compromettida; nos verões sêccos em que o nível d'agua conserva-se quieto, não póde ser mais calamitosa a situação da capital.

Os adeptos do enxugo do sólo invocam em seu favor o desaparecimento da febre amarella nesta cidade durante alguns annos, de 1862 a 1869, attribuindo-o ao assentamento dos canos da *City Improvements* e á sequente fixação do nível d'agua subterraneo.

O argumento é falso, como passo a mostrar.

Depois de varios paroxismos epidemicos, a partir de 1850, o germen da febre amarella começou a enfraquecer, fazendo desde então pequeno numero de victimas.

O conselheiro José Ildefonso de Souza Ramos (Visconde de Jaguarý), em seu relatorio de 1862, exprime-se a respeito nos seguintes termos: « A febre amarella, que já se considerava endemica neste porto, deixou

de manifestar-se no fim do verão de 1860 e até hoje não reapareceu. »

Todavia o Dr. Paula Candido menciona 247 victimas em 1861, numero aliás insufficiente para constituir epidemia.

Em 1862 houve apenas em Janeiro 1 caso, em Fevereiro, 2; em Abril, 2; e mais nada; em 1883 houve 5 obitos, sendo 3 em Janeiro, 1 em Fevereiro e 1 em Março.

Desde então, isto é, desde 1861 ou mais rigorosamente 1862 pôde-se considerar extincta a febre amarella epidemica, reduzida, como se vio, a menos de meia duzia de casos, desaparecendo completamente até 1869 quando reapareceu com a importação do novo germen.

Ora, em Julho de 1862 começaram as escavações do sólo para o assentamento dos canos, terminando as obras em Fevereiro de 1864, quando começaram a funcionar os esgotos, não em toda a área da cidade, mas em um só districto, o 3°.

Vê-se, pois, que tres annos antes de começarem as escavações para os esgotos *em um districto*, era evidente o declinio da febre amarella, a tal ponto que no verão que precedeu o inicio das obras da *city* só houve 5 casos da enfermidade; não se podendo, portanto, attribuir o desaparecimento á *causa posterior*.

Pelo contrario; com o mesmo lençol tellurico e suas oscillações, e o mesmo subsolo, ou peor por serem menos antigas as impurezas, o germen da febre amarella definhou e desapareceu, como vimos, ao cabo de 11 annos, apesar das profundas escavações (circumstancia valiosissima a assignalar) que se fizeram no sólo da cidade.

Importado novamente o germen em 1869, não mais deixou-nos ha 23 annos, não obstante o beneficio que se presume ter resultado da fixação do nivel do lençol tellurico

pelo encanamento da *City Improvements*, e do que se ha feito para melhorar a salubridade publica.

Comparadas as condições hygienicas da capital durante os dous periodos de febre amarella, bem pesadas as circumstancias, verificar-se-ha que de mais só ha no segundo, o actual, em que o germen encontrou elementos de vitaliciedade e resistencia, o serviço dos esgotos publicos.

Attribuir ao sub-olo a conservação e reproducção do germen da febre amarella sempre pareceu-me idéa desacertada, attendendo ás condições topographicas e hygienicas das capitaes dos estados do Norte, nas quaes existe incontestavelmente o mesmo germen, e onde a febre amarella não assume a gravidade, nem reina desasombradamente como aqui.

Para o nosso paiz não devemos procurar exemplos no estrangeiro; é forçar de mais a analogia attribuindo-se ao subsolo desta cidade, quanto á febre amarella, o papel do subsolo de Munich quanto á febre typhoide.

Nem tanta imitação.

Estudemos antes a nossa historia hygienica, observemos attentamente o que se passa entre nós: assim marcharemos com mais criterio e segurança, e maior proveito colheremos das lições da experiencia.

Ha sem duvida proveito em saber o que dá-se no estrangeiro; a experiencia em qualquer parte é sempre o melhor conselheiro; cerrar, porém, os olhos ao que se passa entre nós, para só ver o occorrido em outros paizes, não parece sensato.

O que observa-se no Brazil?

Ouçamos relativamente á especie a opinião insuspeita de um medico distinctissimo.

« Em relação ás provincias, ponderou o Dr. Manoel Victorino no 2º congresso de Medicina e Cirurgia,

posso dizer que esta molestia (a febre amarella), não existe em localidades que estão relativamente a condições de asseio e condições hygienicas em muito peor situação que o Rio de Janeiro. Na capital da Bahia a febre amarella não é endemica. O mesmo se dá no Pará e em outras provincias do norte, ao passo que no Rio de Janeiro, apesar de todos os recursos empregados, a febre amarella continúa a grassar e com ella outras epidemias».

Em um dos artigos que publiquei em 1890 no *Jornal do Commercio* disse: « Phenomeno mais notavel, que não tem merecido a devida importancia e aliás digno de estudo e reflexão, é a immunidadade relativa do norte do Brazil, sendo as condições hygienicas peiores do que aqui. Observa-se que em algumas capitaes dos Estados com as mesmas condições topographicas desta cidade, como o Recife, Fortaleza, S. Luiz do Maranhão e Belem, isto é, pouco acima do nivel do mar, assentadas igualmente em planicies de terreno poroso, cujo lençol tellurico pouco profundo deve participar das mesmas oscillações, a febre amarella limita-se annualmente a casos isolados ».

Não nos illudamos: seja qual fôr o grão de veracidade quanto á influencia do lençol d'agua de Munich sobre as epidemias de febre typhoide, não queiramos á fina força attribuir ao desta cidade igual participação e responsabilidade nas epidemias de febre amarella, porque se o mal realmente residisse no subsolo daqui, não haveria razão que isentasse o das capitaes dos Estados do norte, relativamente a este em peiores condições hygienicas.

De mais, ainda hoje não está determinado qual seja o papel do subsolo na conservação e na reproducção dos germens pathogenicos.

Na sessão do mesmo Congresso de Medicina e Cirurgia o digno presidente desta Academia, traduzindo a

opinião propria e a de outros bacteriologistas, manifestou que « o sólo não multiplica o germen ; só serve para conservá-lo, e apenas o propaga no sentido da disseminação ».

O professor Arnould pronuncia-se do seguinte modo : « Accusar o sólo de multiplicar ou conservar com muita exactidão os germens pathogenicos é caminhar para uma hygiene desesperadora .

Os germens difficilmente vivem á certa profundidade, recuperando ali funcções banaes, de nitrificação : em contacto com o lençol tellurico não ha germen de especie alguma. »

Em vista disso, exclama o autor : *Que de faits importants et rassurants !*

No Congresso Internacional de Hygiene, reunido em Pariz, em 1889, os Drs. Grancher e Rochard, formulando a pergunta — Podem os germens pathogenicos viver no sólo, ali multiplicar-se ou pelo menos conservar-se para novamente infeccionar o homem? — respondem assim : « Importantissima é a solução do problema : comecemos confessando estar pouco adiantada a sciencia quanto á sorte dos germens pathogenicos incorporados ao sólo ».

Nem de proposito : sob o titulo — « *As aguas de esgoto de Pariz.* — o *Jornal do Commercio* de 24 de Novembro ultimo occupa-se do projecto de lei passado na Camara dos Deputados de França sobre o aproveitamento das materias fecaes e aguas servidas, que de ora em diante deixam de ser lançadas ao Sena. O projecto foi defendido pelo Dr. Proust, de cujo discurso o *Jornal* deu alguns excerptos.

Resumindo em tres condições a questão do saneamento das cidades — agua pura, expedição rapida dos dejectos da vida domestica e da industria, e restituição da fertilidade á terra, o Dr. Proust occupa-se do systema da « purificação pelo sólo ». ponderando a respeito o

seguinte: « O systema de purificação pelo sólo, diz elle, dá resultados maravilhosos. Realisaram-se experiencias que consistiam em fazer passar os venenos atravez da areia; a 60 centimetros de profundidade já não se encontram vestigios do veneno ».

Depois de referir-se á luta travada entre os microbios saprogenicos e os pathogenicos, da qual resulta a victoria dos primeiros por serem mais fortes, accrescenta o Dr. Proust: « A terra que é o receptaculo dos microbios é tambem o cemiterio delles ».

Em vista do exposto, sustentar que a primeira medida reclamada pelo saneamento desta cidade é o enxugo do sólo, importa correr atraz de uma aventura ou preparar mais um insuccesso.



Duas causas têm concorrido poderosamente para a insalubridade publica : a edificação de casas mal arejadas, e ainda mais a derribada das mattas.

Em uma cidade mal ventilada, como esta, dever-se-hia attender na construcção das casas á necessidade de arejal-as o melhor possivel.

Nada ha que mais favoreça a reproducção dos germens morbidos e concorra para a infecção dos organismos do que a quietação do ar : aqui, além do defficiente arejamento, ha as aggravantes da accumulção dos moradores e do desasseio dos domicilios.

Nas capitaes dos Estados do norte, sendo peiores, como é notorio, as condições hygienicas do que aqui, tudo leva a crer que a febre amarella a pouco reduz-se graças ás correntes alisias impedindo a accumulção dos germens da cruel enfermidade. Superabundam os elementos

de reproducção ou cultura, mas a brisa constante dilue os germens e transporta-os para longe dos centros habitados. Não ha outra causa a que plausivelmente se attribua a immundidade dos nortistas ante a infecção amarel.

Fosse conveniente o plano das casas aqui construidas, maxime as pequenas, no sentido do arejamento, e o germen da febre amarella não encontraria por esse lado elementos de concentração e vigor.

Quanto a devastação das mattas é evidente, em vista dos factos, a cooperação para a insalubridade d'esta cidade, podendo-se mesmo affirmar ser essa a mais poderosa de todas as causas.

Se attendessemos aos factos hygienicos aqui occorridos, a arvore seria para nós objecto de um culto: derribar uma arvore seria crime de lesa-humanidade.

Emquanto permaneceu a basta vegetação que circumdava e protegia a capital, não houve fóco de infecção que podesse vingar e contaminar os habitantes.

Incomparavelmente peiores do que agora eram as condições hygienicas naquelle tempo; pois bem: nem ás vallas a céu aberto e immundas, os despejos nas praias, o desasseio das praças, ruas, casas, o calor e a humidade, o lençol tellurico e suas alternativas, puderam superar a acção da lavagem da atmosphera e do sólo pelas chuvas diarias, attrahidas pela pujante vegetação da cidade.

Tão notavel era então a salubridade publica apezar das pessimas condições hygienicas da cidade que o Dr. Mello Franco, accentuando em 1809 o facto, não calou a surpresa que lhe causava: « Predominando muito no Rio de Janeiro, disse elle, effluvios assim humanos como pantanosos, admira não fossem mais frequentes as febres contagiosas, nomeadamente a typhoide. De Novembro a Abril ha aqui infallivelmente uma ou duas trovoadas

do meio-dia para a noite, as quaes, se não descarregam na cidade, é nas suas visinhanças.»

O autor explicava o phenomeno pela benefica influencia da electricidade.

Quanto a vegetação ouçamos uma autoridade insuspeita :

« Em parte alguma, diz o Dr. Julio Rochard no artigo *Climat* do *Nouveau Dictionnaire*, vi arvores tão bonitas, florestas tão imponentes, como nas immedições do Rio de Janeiro; no mundo não conheço cousa tão magestosa como aquella bahia, sobre cujas bordas estende-se a grande e bella cidade com a população maior de 300.000 habitantes »

E' triste confessal-o: a maior parte da soberba vegetação que cobria os morros, bellas arvores de madeiras preciosas, têm desaparecido a golpe de machado, reduzidas á lenha e carvão.

As reclamações contra este vandalismo têm sido incessantes, já das autoridades sanitarias, já da imprensa diaria, já de particulares, mas tudo em pura perda, tudo em vão.

Paula Candido só faltou, permitta-se-me a expressão, pedir de joelhos que se sobrestasse a devastação das mattas, e se restaurasse a vegetação dos morros visinhos.

Neste sentido dirigio ao governo verdadeiras supplicas em nome dos mais caros interesses da população e do futuro da capital, demonstrando com a força do seu grande talento e da dedicação á causa publica a funcção providencial das arvores, a necessidade de sua conservação neste clima, e os perigos que resultariam do seu desaparecimento.

Os ministros repetiam nos relatorios as reclamações de Paula Candido, e nada mais faziam.

« Por ora, e desgraçadamente, dizia elle no relatório de 1854, a mão do homem (referindo-se á derribada das mattas) se tem empenhado só, e estupidamente, em destruil-os (os principios que enriquecem a terra). Se o governo não intervier para pôr termo a este escandalo, á esta prova vergonhosa do deleixo e ignorancia dos principios mais triviaes dos conhecimentos uteis, a magestosa vegetação ha de desaparecer, as aguas hão de escassear, perder-se-hão talvez, e a maldição da posteridade nos aguardará inexoravel !

Se nos vastos taboleiros, continúa Paula Candido, hoje inuteis focos de febres intermittentes. se elevar vigorosa vegetação ; se a adopção de conveniente systema agricola reproduzir a fecundidade e a riqueza pelas aridas e inuteis planicies devastadas pela ignorancia dos primeiros agricultores ; o desequilibrio da temperatura desaparecerá e com elle a regularidade dos ventos — terral e viração — ; por estes será a atmosphaera da cidade lavada duas vezes por dia, e a salubridade primitiva do Rio de Janeiro, tomando-se as outras providencias, reapparecerá em todo o seu esplendor.

O que ha de impossível, termina elle, o que ha de difficil que obste a estes melhoramentos ? »

A resposta á interrogação com que o primeiro presidente da extincta Junta de Hygiene fecha a sua humanitaria reclamação, foi o silencio, a maior indifferença !

Reapparecerá a salubridade primitiva do Rio de Janeiro ! disse o Dr. Paula Candido.

Mas, que somos nós, o que temos feito ?

Emquanto nos outros paizes a tendencia humana é preparar o bem estar e a prosperidade, principalmente combatendo os elementos de insalubridade, aqui succede o contrario : desaparece a salubridade primitiva !

O certo é que a devastação das mattas continúa e

continuará, contribuindo para cada vez mais escassearem as chuvas, serem mais intensos os verões e mais insalubre tornar-se a capital.

Grupos de italianos andam por essa baixada além negociando as mattas para derribal-as e convertel-as em combustivel ; não ha dia em que os machados não trabalhem, em que se interrompa a devastação.

Quem conhece o alcance hygienico da funcção das arvores, principalmente no clima quente, pôde prever o que será daqui a alguns annos o clima desta cidade quando os machados cansarem, ou não houver mais arvore a derribar.

Enfraquecida como se acha a attracção das nuvens depois de rarefeita a vegetação da planicie, o resultado é deterem-se as nuvens no cimo das serras circumvisinhas onde no verão continúa a chover quasi todas as tardes, emquanto o sol fustiga a baixada.

Temos a chuva cahida das nuvens que, impellidas pelo vento, atravessam a atmosphaera da cidade, ou quando é demasiada a rarefação do ar ; mas as abundantes chuvas de outro tempo, quando eram diarias ou quasi as trovoadas, derivadas da meteorologia local, ou antes attrahidas pela possante vegetação, essas desapareceram, e com ellas a notoria, a primitiva salubridade do Rio de Janeiro.

Fosse possivel restabelecel-a, e certamente a febre amarella desapareceria para sempre e com ella outras febres infectuosas, contra as quaes têm sido baldados todos os esforços das autoridades sanitarias.

Exemplo do poder prophylatico das chuvas offerece ainda Petropolis, onde o germen da febre amarella não pôde vingar, apesar da communicação diaria com esta cidade, da nenhuma cautela e dos casos, como succedeu

no ultimo verão, de febre amarella que lá manifestaram-se em pessoas aqui contaminadas.

Não obstante essas provocações o germen não conseguiu ainda reproduzir-se em Petropolis ; não ha, com effeito, exemplo de ter a molestia passado do doente a um habitante dalli.

Nem a altitude, nem a temperatura, nem as medidas prophylaticas, quasi nullas, nem as condições hygienicas daquelle cidade, as quaes ao contrario muito deixam a desejar, conferem a Petropolis aquella immundade inquebrantavel, absoluta ; a sua salvaguarda até aqui contra a infecção é a vegetação, cuja permanencia é causa de não se ter alterado a meteorologia local, como desgraçadamente alterou-se nesta cidade, depois da derribada das mattas.

Não se acautele a Intendencia protegendo por meio de medidas adequadas e rigorosas a magnifica vegetação que protege aquella parte da serra, e Petropolis será tão victimada pela febre amarella, quanto tem sido a capital do Brazil.

Para melhorar a ventilação da cidade e o arejamento das casas seria preciso um poder quasi sobrehumano ; não ha Haussemanns brasileiros ; quando muito se concede o alargamento de alguma rua sem conformidade a um plano geral de transformação racional e proveitosa, para satisfazer o interesse ou a cobiça particular.

Pensar em arborisar a cidade, recompor a vegetação dos morros visinhos, e impedir a derribada das mattas, é utopia ou loucura.

Faltam-nos homens capazes dessa comprehensão e desse esforço : o descortino desse horisonte não parece ser para a geração actual.

Nós, brasileiros, somos impacientes e egoistas ; incapazes por nossa soffreguidão de iniciar melhoramento que

só produza resultado ao cabo de alguns annos, nosso ideal é o applauso immediato dos coevos ; não pensamos em trabalhar para os vindouros, em emprender melhoramento que não possamos gozar.

A não ser assim, quem vier que se conforme com as circumstancias.

Subsistindo, pois, essas poderosas causas de insalubridade, só ha a appellar para a policia sanitaria e outras medidas prophylaticas aconselhadas pela sciencia.

A proporção que perdemos os recursos naturaes, cresce a necessidade da execução de meios artificiaes.

Felizmente já se vai organisando entre nós a policia sanitaria e vencendo os preconceitos populares : alguns delegados da Inspectoria de Hygiene Publica desempenham-se louvavelmente dos penosos deveres profissionaes procedendo á rigorosa fiscalisação em tudo quanto interessa á hygiene publica.

Por esse lado ha muito a fazer, e longe eu iria se tivesse de entrar em detalhes.

As medidas prophylaticas resumem-se na rigorosa desinfecção do domicilio onde se der caso de molestia transmissivel e principalmente na vigilancia para descobrir e isolar os primeiros casos.

Remover affectados de febre amarella para o hospital de isolamento quando o obituario registra alguns casos diariamente, póde ser o que quizerem, menos medida prophylatica contra o desenvolvimento da epidemia.

Concluindo esta parte, direi que para a extincção da febre amarella aqui endemica, nas actuaes circumstancias concorrerão poderosamente a internação dos immigrants, se fôr tomada a serio, a policia sanitaria e as medidas prophylaticas que referi.

Além da febre amarella reinam aqui duas molestias que merecem-nos a mais seria attenção : a tuberculose e a febre perniciosa.

Da primeira não occupar-me-hei, visto figurarem na ordem do dia nesta Academia a prophylaxia e o tratamento dessa enfermidade, a que succumbem annualmente na capital para cima de duas mil pessoas.

Resta-me elucidar a questão do accesso pernicioso, que, começando sorrateiramente, corre parellhas com a febre amarella, com a differença de que aquelle, depois de assumir as proporções de molestia epidemica durante o verão, continúa a ameaçar mesmo durante o inverno a nossa vida : não ha, com effeito, obituario que não registre um ou mais casos de febre ou accesso pernicioso.

Agora mesmo, sendo raros os casos de febre amarella, observa-se que vão augmentando os de febre perniciosa.

O que é afinal a febre perniciosa aqui reinante ? E' de origem palustre, como a de outras localidades ?

Impossivel.

A febre perniciosa vulgar, geralmente conhecida, representa o grão mais agudo da intoxicação palustre nos logares onde ha fôcos de paludismo, e a menor resistencia organica. Ahi, sendo forçosamente variaveis as modalidades palustres, observam-se casos correspondentes a intoxicação intermedia, estabelecendo-se uma proporção entre estes e o accesso pernicioso.

A este respeito o Dr. Bard. na obra—*Des accidents pernicleux d'origine palustre*, pondera que os autores são accordes em reconhecer que quanto mais proximo das regiões tropicaes tanto mais frequentes são os accessos perniciosos, acrescentando que « emquanto Collin, durante a occupação de Roma, e os medicos militares, na Algeria, observavam no exercito francez um caso de

febre perniciosa por 20 ou 25 de intermitentes simples, mais consideravel era a proporção na Conchinchina, assignalando os medicos da marinha ingleza um obito em 14 casos de febre em Bengala, 1 em 8 na Jamaica, e 1 em 2 nas estações da costa occidental da Africa ».

Aqui, na capital do Brazil, não exaggerarei dizendo que não ha porcentagem alguma, nem mesmo a admittida nas estações da costa occidental da Africa, entre os casos de febre perniciosa e os de intermitentes simples, porque estes quasi desapareceram, imperando só aquelles no quadro pathologico.

A simples quotidiana, a palustre terça, dupla terça, etc., já nenhum clinico verifica nos enfermos confiados aos seus cuidados na área urbana da capital.

O paludismo *está falsificado*, como tudo mais: a simples, a genuina, a classica intermitente desapareceu de todo, cedendo o logar a uma entidade morbida, peculiar á pathologia do Rio de Janeiro, porque só aqui encontra-se « a *malaria*, sob caracter epidemico, revestindo-se de gravissima violencia no modo brutal com que agora acommette indistinctamente a população, e mostrando-se no maior numero dos casos superior ou indifferente aos recursos therapeuticos », conforme exprio-se o Dr. Rocha Faria. em 1889, quando exercia o logar de Inspector de hygiene publica.

Haverá quem dê noticia de *malaria* igual em outros paizes, por intensos que sejam os focos do paludismo ?

Por mim confesso : não conheço cousa que com isto se pareça.

Digo-o com a pratica adquirida, por ter durante alguns annos exercido a clinica em uma cidade onde por vezes o paludismo reinou epidemicamente, cabendo-me então observar casos da maior gravidade.

Nenhum clinico teve nem terá certamente a pretensão de salvar todos os seus enfermos de febre perniciosa ; mas entre alguns insuccessos, inevitaveis em enfermidade tão grave, e a hecatombe de 1889, bem como a do anno passado, devidas á *indifferença aos recursos therapeuticos na maioria dos casos*, vai tal distancia, tão sorprendente diversidade, quo o espirito, de conjectura em conjectura, pára ante a idéa de ser a febre perniciosa daqui se não sempre, ás mais das vezes de origem diversa da palustre, não só porque nada explica a extraordinaria frequencia dos casos, e menos ainda o insuccesso da medicação pelo quinino.

Nem mesmo em outros tempos, quando pela presença de pantanos, que aliás desapareceram, abundavam casos graves de paludismo, vio-se jamais cousa que se parecesse com o que os clinicos desta capital observam de tempos á esta parte.

A primeira menção de casos de febre perniciosa, positivamente originaria de fóco não paludoso, encontra-se no relatorio do Barão do Lavradio, de 1869, conforme consta do seguinte trecho :

« Tão notaveis eram os effeitos desta valla (a que ia do Largo da Carioca á Prainha, pela rua de Uruguayana) e tão prejudiciaes aos habitantes vizinhos que em 1842, tratando-se de limpá-la, e tirando-se sem cautela prévia varias lages da cobertura, começavam logo na vizinhança *casos fataes de febres perniciosas*, de modo que a autoridade julgou acertado repôr as cousas no estado em que estavam, e sustar a limpeza. »

Note-se que essa valla e as outras então existentes, servindo de despejo publico, não continham materias vegetaes, que podessem provocar infecção palustre, mas sim materias excrementiciaes que, contaminando a atmosphera vizinha, produziam, segundo refere o Barão do Lavradio, *casos fataes de febre perniciosa*.

Depois disto encontra-se no relatorio do Barão do Lavradio de 1867 a menção de « outras febres com typos differentes em sua marcha, acompanhadas de phenomenos tão anomalos que difficil era poder classifical-as. »

Não esqueçamos a circumstancia de começarem a servir os esgotos do 3.^o districto em Fevereiro de 1864 e de funcționarem todos em Julho de 1866.

Proseguindo na exposição, peço a attenção da Academia para os seguintes trechos do mesmo relatorio de 1867, referentes a factos clinicos aqui occorridos depois do funcionamento dos esgotos publicos.

« Uma observação singular, diz o Barão do Lavradio saltou aos olhos de muitos praticos, e vem a ser: que em differentes circumstancias em que *os phenomenos da periodicidade* eram manifestos, e tornavam indispensavel o emprego dos *quinados*, estes applicados com vistas de *prevenir novo accesso não só não conseguiam o resultado desejado*, como pareciam aggravar o mal. »

Em outro periodo allude aos « casos em que a molestia resistio aos preparados de quina. »

No seguinte relatorio (1868) o Barão do Lavradio, impressionado pelo inopinado incremento das febres infectuosas, pondera que « não foi, porém, isso o que mais digno de attenção houve, o que mais reparo causou, accentúa elle, aos praticos, foram as *anomalias*, que se notaram na marcha da molestia e em seus caracteres symptomatologicos, *identicos aos observados em 1866*.

Nos casos graves, continúa, ou se manifestavam com *sypmtomas typhoides ou perniciosos* tão violentos, que os doentes succumbiam em poucos dias. »

Desde então até o verão passado a febre perniciosa passou a figurar no obituario desta cidade de modo realmente extraordinario e impressionador.

Vê, pois, a Academia que a « epidemia malarica, que aqui despertou, conforme as expressões do Dr. Rocha Faria, revestindo-se de gravissima violencia no modo brutal com que accommetten a população e mostrando-se no maior numero de casos superior ou indifferente aos recursos therapeuticos », vem de longa data, que confunde-se com a do funcionamento dos esgotos nos tres districtos em que foi dividida a cidade.

Nenhum de nós esqueceu, de certo, as lutuosas scenos de 1889, quando os accessos perniciosos multiplicavam-se por toda a parte, sendo de notar que não appareciam nos suburbios onde ha pantanos, mas no centro mais populoso onde só existe o infindo pantano. abafado.

Nessa occasião, por maior que fosse a boa vontade dos adeptos de enxugo do sólo, foi total o eclipse da theoria de Pettenkofer, porque, não sendo de crer que jamais houvesse menor oscillação do lençol tellurico, e que o nivel se mantivesse mais firme na sua posição infima, em virtude da prolongadissima sêcca, do que em 1889, a infecção da atmosphaera da cidade não podia ser mais intensa, mais profunda e grave do que nesse verão.

« O mez de Março proximo findo (1889) começou de modo assustador, diz o *Boletim* do observatorio. A temperatura excessivamente alta e a ausencia de chuvas fazião prever o desenvolvimento da epidemia, que já flagellava a população desta cidade. A chuva tão desejada só appareceu na segunda década, periodo esse em que a temperatura baixou consideravelmente. »

Relacionemos com esse movimento meteorologico os factos clinicos que aqui se deram na mesma occasião.

Com a febre amarella rivalisava, excedendo-a mesmo, o accesso pernicioso: houve em :

1889	<i>casos de febre amarella</i>	<i>febre perniciosa</i>
Janeiro.....	355	189
Fevereiro.....	498	223
Março.....	345	559

Vê-se, pois, que em Março, descendo um pouco o obituario da febre amarella, que registrou 345 casos, o da febre perniciosa elevou-se a 559.

E' interesantissimo o movimento da febre perniciosa em Março de 1889, e por isso dou-o em detalhe:

Houve nos dias :

1.....	17 obitos	17.....	11 obitos
2.....	7 »	18.....	14 »
3.....	15 »	19.....	3 »
4.....	17 »	20.....	1 »
5.....	11 »	21.....	2 »
6.....	27 »	22.....	2 »
7.....	42 »	23.....	2 »
8.....	73 »	24.....	1 »
9.....	71 »	25.....	2 »
10.....	57 »	26.....	1 »
11.....	50 »	27.....	1 »
12.....	29 »	28.....	1 »
13.....	25 »	29.....	2 »
14.....	23 »	30.....	5 »
15.....	15 »	31.....	3 »
16.....	28 »		

As chuvas, convém notar, começaram a 16 do mez, accentuaram-se a 17 : sommados os casos durante a primeira quinzena. antes das chuvas, e os segundos depois destas, verifica-se o seguinte resultado :

na 1ª quinzena.....	480 casos
na 2ª » 	79 »

Considerando-se que o verão de 1889 foi secco, como não se dava ha muitos annos, e que os pequenos pantanos existentes nas immedições da cidade, não podendo resistir á intensissima evaporação, estariam inertes, como explicar a infecção profundissima da atmosphera urbana nesse mez?

Qual o laboratorio que multiplicou de actividade para enlutar a cidade e causar as horrorosas scenas de Março de 1889, quando os focos communs de insalubridade deveriam estar esgotados?

Reflectindo-se bem, examinando-se detidamente tudo quanto podia concorrer para aggravar até aquelle ponto a insalubridade publica, chega-se por exclusão ao seguinte resultado : esse laboratorio infernal só podia ser os esgotos publicos, unico foco que adquiriria revigor com a falta de chuvas, demorando no encanamento materias putrefactas e despejando na atmosphera das ruas e no interior dos domicilios os elementos da intoxicação putrida.

Foi o que penetrou na consciencia publica : ante o espectro da morte os olhares em vão procuravam descobrir a fonte de tantos males : a attenção. afinal, deteve-se nesses encanamentos tantas vezes denunciados, e sempre negligenciados, julgando haver descoberto o sinistro laboratorio da calamidade publica.

Foi geral o clamor. A imprensa formulou a accusação em termos explicitos e em multiplices artigos.

Entre as opiniões externadas destacarei a do digno presidente desta Academia.

O Sr. Dr. Lacerda, depois de referir-se, para explicar as mortes repentinas, ás suas experiencias e ás do Dr. Couty, durante os verões de 1882 e 1883, por meio das quaes verificaram, sob a influencia de temperaturas superiores a 30°, hypotensão arterial, menor resistencia do systema nervoso e tendencia ao collapso, denunciou os esgotos publicos como o principal responsavel da insalubridade em artigo publicado a 14 de Março de 1889 n' *O Paiz* em varios trechos, que passo a transcrever: « Quanto as perniciosas, disse, é bem possivel que a causa originaria esteja nas emanações toxicas do subsólo e com especialidade nos esgotos.

O agente toxico, exhalado da bocca dos esgotos, sob a natureza gazosa ou outra, penetra no organismo e accende a febre.

Quanto ao systema dos esgotos, que está sem duvida alguma representando papel inportante entre os factores das nossas desgraças, porque não se tenta, já e já, qualquer providencia que promova a lavagem delles pelas aguas do mar? »

O Sr. Dr. Lacerda repelliu a supposição de serem *taes accessos perniciosos* de natureza malarica, e, observando que ás mais das vezes havia exaggerada hyperthermia sob a fórma de accesso pernicioso, interroga: « só a intoxicacão malarica tem o privilegio de produzir um estado assim caracterisado; ou porventura, outras condições, estranhas aquella origem, podem contribuir para ó mesmo resultado? »

Infelizmente os graves acontecimentos do verão de 1889, mais ou menos reproduzidos no verão passado, não

mereceram a devida atenção, provocando investigações que elucidassem o assumpto: até o presente nenhuma autopsia, nenhuma pesquisa.

Continuando na minha exposição, lembrarei algumas considerações do professor Jaccoud relativamente á morte pela febre typhoide, applicaveis ao caso.

Depois de dizer que « a intensidade dos primeiros symptomas, é sufficiente para determinar a morte, » o professor Jaccoud accrescenta que « n'estas circumstancias o facto dominante, fundamental, a chave do phenomeno e que explica a morte rapida é a colossal elevação da temperatura, tanto mais perigosa quanto o excessivo calor da tarde é apenas interrompido por insignificantes ou nullas remissões.

Em algumas epidemias insiste o professor Jaccoud, observa-se mais frequentemente *essa marcha quasi fulminante*, certamente dependente da intensidade do envenenamento e das condições individuaes.

O verdadeiro signal, continúa o mesmo professor, dessa variedade sempre mortal não é a desordem das funções cerebro-espinhaes, nem a desproporção entre os accidentes cerebraes e os phenomenos abdominaes; o verdadeiro criterio é fornecido pela marcha insolita da febre — que attinge rapidamente a grãos elevados »

Descrevendo as fôrmas clinicas da febre typhoide, diz o professor Jaccoud que « a verdadeira fôrma ataxica é primitiva, e não é sómente constituida por graves desordens nervosas, mas tambem por excessiva temperatura ».

A descripção indubitavelmente applica-se a uma parte dos phenomenos pathologicos aqui observados em 1889, indicando igualmente a intensidade do envenenamento: de mais, só houve nesta cidade a fôrma clinica que, além da hyperthermia, caracterisava-se pela marcha nem sempre continua, mas por accessos, um, dous e ás

vezes tres, de origem putrida, superiores ou indifferentes aos recursos therapeuticos.

Resaltava então a principal causa de tantas desgraças, mas parece que não queriam vel-a.

Razão teve o Barão do Lavradio (nosso emerito collega, encarnação do zelo e probidade, cuja memoria mereceu desta Academia na ultima sessão justo preito de admiração e saudade), batendo-se contra os esgotos publicos, denunciando os defeitos da sua construcção e vaticinando que « os esgotos desta cidade, em lugar de contribuirem para o seu asseio e sanidade como devia ser, concorriam para resultado diverso ».

Ainda na ultima sessão do Conselho Superior de Saude Publica, celebrada em 1 de Agosto do corrente anno, a opinião geral voltou-se contra os esgotos.

O Dr. Cruz, cuja morte prematura todos lamentamos, pediu na qualidade de Presidente da Inspectoria de Hygiene que « se mandasse proceder á revisão de toda a actual rêde de esgoto, serviço que tambem reputava de grande importancia e de immediata execução. »

O Dr. Belford Roxo, inspector de obras publicas, considerou necessario, entr'outras medidas que apontou para o saneamento da capital, um systema completo de esgotos.

O Dr. D. José da Silveira declara-se de accôrdo com o Dr. Cruz.

O Dr. Barata Ribeiro, referindo-se ao « detestavel systema de esgotos » — como qualifica-o, attribue « ás casas e principalmente á nossa pessima rêde de esgotos as causas primordiaes da mortandade n'esta cidade e propõe que o governo, antes de qualquer medida, mande sustar quaesquer obras que estejam sendo feitas pela *Companhia City Improvements*, até que mediante inquerito scientifico, sério e rigoroso, se estabeleça o melhor systema de esgotos a adoptar. »

O Dr. Lacerda « pede também a atenção para os esgotos, cujos canos devem ser rigorosamente lavados e desinfectados, enquanto não fôr possível substituir este systema por outro melhor. »

Em vista das opiniões emittidas pelos membros do Conselho Superior de Saude Publica foi approvada, além de outras conclusões, a referente « á revisão dos esgotos. »

Outra não foi a minha conclusão quando, após as reflexões que publiquei em 1890 no *Jornal do Commercio*, assim expri-me : « Póde-se arrazar morros, rasgar ruas, abrir avenidas, proporcionar habitações convenientes ás classes operarias, arborisar a cidade, dar-lhe agua a desperdiçar, dotal-a com os mais modernos aperfeiçoamentos, fazel-a a mais bella cidade do mundo, etc., e não se romperá o circulo vicioso das más condições hygienicas, enquanto forem mãos os esgotos. »

Como se não pesasse imputação má, os esgotos continuam affrontando tudo. Apesar das repetidas insistencias das autoridades sanitarias, de medicos, engenheiros, do Conselho Superior de Hygiene, na imprensa, no Congresso de Medicina e Cirurgia e nesta Academia, sempre interessada pela salubridade publica, não se tratou ainda de investigar ou verificar o estado actual do encanamento e o gráo de saturação das camadas circumvisinhas do subsolo, quando mais não fosse, ao menos em satisfação da mais elemental prudencia,

Inviolaveis esgotos !

Fraycinet, cuja opinião ainda hoje é geralmente acatada, considera condições fundamentaes do saneamento de uma cidade :

- 1.ª O abundante supprimento de agua ;
- 2.ª A conveniente canalisação subterranea para os liquidos impuros e para as materias que possam

ser arrastadas pelas aguas, levando-as para longe dos logares habitados.

- 3.ª A purificação desses liquidos antes de serem lançados aos rios, não só para evitar a sua contaminação, e tambem para restituir aos terrenos elementos fertilisantes.

Ainda ha pouco, como vimos na Camara dos Deputados da França sahiram vencedoras essas idéas.

Aqui é flagrante a infracção das medidas primordiales, fundamentaes, do saneamento de uma cidade, maxime populosa e com os defeitos topographicos desta capital : não temos supprimento de agua sufficiente para os diversos misteres da vida individual e collectiva ; possuimos uma rêde de esgotos que deixam filtrar materias excrementiciaes ; finalmente, os esgotos descarregam o mais perto possivel, na propria bahia e na pittoresca praia de Botafogo.

« Os esgotos, pondera mesmo autor, são perigosos quando as paredes deixam filtrar liquidos impuros que inficionem o solo ».

Assim são os d'esta cidade : construidos, como é notorio, com material de má qualidade ; esburacados ; com as juntas desgarnecidas ; sem declive sufficiente ; mal ventilados e lavados ; contaminan o subbsolo deixando passar materia polluta.

No inicio dos trabalhos da *City Improvements* pôde-se impunemente revolver o subsolo de toda á area da cidade, em 1862 e 1864 ; a salubridade publica nada soffreu : actualmente seria rematada imprudencia tental-o sem as mais severas cautelas de desinfeção, inficionado como está o sólo.

Para se avaliar o perigo, a que refere-se Fraycinet, proveniente da actual canalisação basta recorrer ao obituario nos verões seccos, quando as materias fecae, por

insufficiente impulsão e circulando mal, demoram-se aqui e alli, no encanamento.

Desse perigo temos tido a mais dolorosa experiencia desde que começaram a funcionar os esgotos dos tres districtos até o presente, com a aggravante, que, cumpre assignalar, de ser cada vez mais precaria a salubridade publica, mais arriscada a vida dos habitantes ; as epidemias de 1889 e do anno passado, principalmente estas, denunciavam, com effeito, a existencia de um foco de infecção perigosissimo e excepçãoaal.

Estivesse a cidade entre pantanos, e não seria tão flagellada por molestias infectuosas.

Enxugar o sólo !

Sim, o sólo, não ha negal-o, está inficionado, mas o meio de saneal-o não é a drenagem, porque pelos tubos dos esgotos continuará a transitar liquido sufficiente para entreter a humidade do subsolo ; o meio racional é bem diverso ; é supprimir a causa efficiente da contaminação.

Tudo o mais é illusorio, inefficaz, e, por mais que se faça, esta cidade continuará insalubre, como até aqui, errando-se o alvo ou recuando-se timidamente ante as difficuldades de semelhante empreza.

As epidemias reaparecerão infalliveis : não sendo, de febre amarella, serão de febres de varios outros typos principalmente o accesso pernicioso.

Terminadas as epidemias, será novamente consultado o Conselho Superior de Hygiene...

Vou terminar.

Se não são muito superficiaes as minhas observações ; se não é de todo erronea a interpretação dos factos clinicos aqui occorridos, relacionados com as condições meteorologicas ; se não são falsos os principios proclamados

pela sciencia, deveremos inevitavelmente reconhecer que a primeira medida hygienica a attender para o saneamento desta capital, depois do conveniente supprimento de agua potavel, é a revisão, a reparação ou reforma dos actuaes encanamentos dos esgotos publicos e sua descarga bem longe da cidade, fóra da barra, directamente no Oceano.

DR. JOSÉ LOURENÇO.







MAY 28 1971



WAA M185q 1890

63160500R



NLM 05147427 9

NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE